LET'S ROCK

Marcelo Nova solta o verbo!

revista

TRANSAMÉRICA

Ano 1 nº 1 Fevereiro 1997 R$ 3,90

Para onde vai o

Rock'n Roll?

Vá às nuvens com o

Paraglider

Entrevista exclusiva e pôster de

Ricky Martin

transa

1 detona 8 a sua

SÃO PAULO/SP 1001,1 MHZ - LITORAL/SP 98,1 MHZ - SOROCABA/SP 102,7 MHZ - S. J. RIO PRETO/SP 99,5 MHZ - CIRCUITO DAS ÁGUAS (AMPARO/SP) 98,3 MHZ - RIO DE JANEIRO/RJ 101,3 MHZ - BÚZIOS/RJ (REGIÃO DOS LAGOS) 102,5 MHZ - ANGRA DOS REIS/RJ 101,1 MHZ - JUIZ DE FORA/MG 93,5 MHZ - UBERLÂNDIA/MG 98,7 MHZ - GOV. VALADARES/MG 89,9 MHZ - MONTES CLAROS/MG 95,1 MHZ - POÇOS DE CALDAS/MG 96,7 - VARGINHA/MG 92,9 MHZ - POUSO ALEGRE 101,1 MHZ - VITÓRIA/ES 90,9 MHZ - CURITIBA/PR 100,3 MHZ -

mérica

87 no emoção

LONDRINA/PR 102,9 MHZ - MARINGÁ/PR 97,9 MHZ - CASCAVEL/PR 93,1 - FOZ DO IGUAÇU/PR 97,7 MHZ - JOINVILLE/SC 91,1 MHZ - FLORIANÓPOLIS/SC 101,7 MHZ - BLUMENAU/SC 99,5 MHZ - LAGES/SC 94,3 MHZ - ARARANGUÁ-CRICIUMA/SC 92,5 MHZ - SANTA MARIA/RS 105,7 - URUGUAIANA/RS 96,9 MHZ - SANTO ÂNGELO 104,7 MHZ - BRASÍLIA/DF 100,1 MHZ - GOIÂNIA/GO 105,3 MHZ - SALVADOR/BA 100,1 MHZ - RECIFE/PE 92,7 MHZ - MACEIÓ/AL 97,7 MHZ - JOÃO PESSOA/PB 93,7 MHZ - JUAZEIRO/BA 99,9 - GRAMADO/RS 95.3 MHZ

REDE

TRANSAMÉRICA

Alô ouvinte (ou melhor, leitor...): CHEGAMOS! A partir de agora a Transamérica não vai estar apenas no seu rádio, mas também nas bancas. TODO MÊS vamos trazer para as páginas coloridas desta revista todo o pique e a alegria que contagiam a programação alucinante da Rede Transamérica. E pra mostrar que a sintonia entre rádio e revista está perfeita, confira o que rola nesta PRIMEIRA EDIÇÃO. Nossa matéria de capa traz uma super entrevista exclusiva com RICKY MARTIN, com direito a poster! Extremamente simpático com a nossa repórter Gabriela Dias, o ex-Menudo confessou ser um apaixonado pelas coisas do Brasil. Inteligente e antenado com suas raízes culturais porto-riquenhas, o cantor de "MARIA" defendeu com unhas e dentes a fusão de ritmos latinos como uma forma de enriquecer ainda mais a sua música. Mas não é só. Falamos ainda sobre os rumos que o bom e velho rock'n rol está tomando nesta virada de século, abordando a opinião de músicos e críticos brasileiros. E inauguramos *Let's Rock*, uma seção irada onde MARCELO NOVA, do Camisa de Vênus, dá sua opinião sobre tudo o que rola no mundo da música, a exemplo de seu programa na Rede Transamérica. Depois, saímos do mundo da música para ir às nuvens mostrar como é bom voar livre como um pássaro num PARAGLIDER. E recolocamos os pés no chão – melhor dizendo, nas areias – das deslumbrantes praias desertas de ALAGOAS. Ouça a rádio, leia a revista, vista a nossa camisa. Esperamos que você, leitor-ouvinte, goste do que estamos fazendo. Fique ligado!

sumário

10 SOM ABORÍGENE
As bandas australianas que invadiram as rádios

16 ROCK'N ROLL NEVER DIE
Um pouco da história do ritmo mais famoso do planeta

26 VOANDO ALÉM DAS NUVENS
Paraglider, o esporte radical que agita o verão

38 ENTREVISTA E POSTER: RICKY MARTIN
O cantor e ator fala com exclusividade à nossa reportagem

46 O SOL MORA EM ALAGOAS
As praias desertas e deslumbrantes do litoral nordestino

56 UM PALCO DENTRO DO SEU RÁDIO
Os shows que rolam no Estúdio ao Vivo Transamérica

8 FUZUÊ
54 LET'S ROCK
61 NET MUSIC
64 CAFÉ COM BOBAGEM

Ligação direta com a redação: *mande suas cartas com sugestões ou críticas para av. Bernardino de Campos, 110, cj. 22, Cep 04004-050, São Paulo, SP, ou ligue para (011) 887-6682.*

REGIÃO SUDESTE
1- São Paulo - SP
100,1 MHZ
2- Litoral - SP
98,1 MHZ
3 - Sorocaba - SP
102,7 MHZ
4 - S. J. R. Preto - SP
99,5 MHZ
5 - Circuito das Águas - (Amparo - SP)
98,3 MHZ
6 - Rio de Janeiro - RJ
101,3 MHZ
7 - Búzios - RJ (Região dos Lagos)
102,5 MHZ
8 - Angra dos Reis - RJ
101,1 MHZ
9 - Juiz de Fora - MG
93,5 MHZ
34
36
35
33
37
31
O BRASIL LIGADO NA TRANSAMÉRICA
REDE
TRANSAMÉRICA

10 - Uberlândia - MG
98,7 MHZ
11 - Gov. Valadares - MG
89,9 MHZ
12 - Montes Claros - MG
95,1 MHZ
13 - Poços de Caldas - MG
96,7 MHZ
14 - Varginha - MG
92,9 MHZ
15 - Pouso Alegre - MG
101,1 MHZ
16 - Vitória - ES
90,9 MHZ

REGIÃO SUL

17 - Curitiba - PR
100,3 MHZ
18 - Londrina - PR
102,9 MHZ
19 - Maringá - PR
97,9 MHZ
20 - Cascavel - PR
93,1 MHZ
21 - Foz do Iguaçu - PR
97,7 MHZ
22 - Joinville - SC
91,1 MHZ
23 - Florianópolis - SC
101,7 MHZ
24 - Blumenau - SC
99,5 MHZ
25 - Lages - SC
94,3 MHZ
26 - Araranguá-Criciúma - SC
92,5 MHZ
27 - Santa Maria - RS
105,7 MHZ
28 - Uruguaiana - RS
96,9 MHZ
29 - Santo Ângelo - RS
104,7 MHZ
30 - Gramado - RS
95,3 MHZ

REGIÃO CENTRO-OESTE

31 - Brasília - DF
100,1 MHZ
32 - Goiânia - GO
105,3 MHZ

REGIÃO NORDESTE

33 - Salvador - BA
100,1 MHZ
34 - Recife - PE
92,7 MHZ
35 - Maceió - AL
97,7 MHZ
36 - João Pessoa - PB
93,7 MHZ
37 - Juazeiro - BA
99,9 MHZ

Fuzuê

Notícias bem transadas

SPRINGSTEEN, DE VIOLÃO E GAITA

O ROQUEIRO NORTE-AMERICANO Bruce Springsteen está mais intimista do que nunca. Bruce vai pegar a estrada este ano para uma nova turnê, mas desta vez sem a sua banda. Acompanhado apenas de violão e gaita – no melhor estilo Bob Dylan – o roqueiro adaptou suas canções e agora vai à luta. A base desse seu show *unplugged* são as músicas do último álbum "The Ghost of Tom Joad". Trata-se de uma fase mais tranquila para o artista, já quase cinquentão.

OS MONKEES VOLTAM ÀS TELAS

Steven Spielberg, vai encarar uma de [illegible] mas por trás das câmeras. Ele quer filmar a vida dos Monkees, banda que surgiu nos Estados Unidos na década de 60, para fazer rivalidade com os Beatles. Apesar da irreverência e de uma série de TV de muito sucesso na época, os Monkees duraram só três anos. Agora eles se reuniram novamente e tentam uma turnê pela Europa, primeiro passo para que a produção de Spielberg seja, como sempre, bem sucedida.

Johnny Rotten, vocalista do Sex Pistols, no Close Up Planet: retorno triunfal

VALDIR DE CARVALHO

O PUNK FALOU DE PERTO COM CLOSE UP PLANET

FORAM POUCOS DIAS, mas o suficiente para detonar a cabeça da galera punk brasileira. O *Close Up Planet*, que aconteceu em novembro, no Rio de Janeiro e em São Paulo, reuniu milhares de pessoas em torno de um dos eventos mais importantes do cenário alternativo internacional. Bandas como os papas Sex Pistols se uniram a Silverchair, Cypress Hill, Bad Religion, Marky Ramone and The Intruders, Inocentes e Os Ostras para mexer com a moçada. Os shows - que rolaram no Ibirapuera, em Sampa, e na Praça da Apoteose, no Rio - foram conjugados com um megaespaço *hi-tech* para deixar os jovens antenados a tudo que está acontecendo de mais moderno em tecnologia no universo: música, multimídia e realidade virtual. O *Close Up Planet* teve o patrocínio da Transamérica. Quem participou garante que foi inesquecível!

TIRA A ROUPA, MAGDA!

Parece que já está tudo acertado e em 97 o público masculino deve ser presenteado com a nudez de Marisa Orth, o "peixão" que empresta seu talento, sua voz e seu corpo (e que corpo!) à personagem Magda, do programa "Sai de Baixo". A data da edição ainda não está definida e ninguém sabe ao certo qual será o tamanho... do cachê da moça. Mas de uma coisa ninguém duvida: se de roupa, na TV, a atriz já atiça a moçada, imagine sem roupa, na revista!!! Haja canguru perneta!!!

ARI LAGO

A deliciosa Marisa Orth vai para as páginas de Playboy: sai de baixo!

ALEXANDRE BASSANI

Um dos sucessos de Gil foi escolhido para hino das Olimpíadas do Rio

AQUELE ABRAÇO PARA OS JOGOS OLIMPÍCOS

Lembra de "Aquele Abraço", sucessaço de Gilberto Gil que sua mãe provavelmente cantava pro seu pai quando ele chegava tarde em casa? Pois é, virou hino oficial da campanha Rio 2004, pela realização da Olimpíada na Cidade Maravilhosa... Ao todo, 51 artistas brasileiros foram chamados para dar sua contribuição à gravação. Entre eles, Fernanda Abreu, Chico César, Caetano Veloso, Jorge Benjor e Lulu Santos. O resultado? Você vai conferir logo, logo em todas as rádios do país! Aos apressadinhos, o CD já está à venda nas lojas!

CANTANDO PARA O SULTÃO

Michael Jackson entrou em 97 pondo dinheiro no bolso, como sempre. O cantor defendeu uma considerável soma ao se apresentar, na virada do ano, para uma seletíssima platéia: os convidados para o Revellion do sultão do Brunei, um pequeno território situado na costa noroeste de Bornéu. Dizem as boas línguas que Jack embolsou, pela apresentação, um milhão de verdinhas. Nada mau, considerando que o sultão é o homem mais rico do planeta e que já é a segunda vez que o cantor aceita o convite e vai para o Brunei, se apresentar, com absoluta exclusividade, no Revellion do Sultão...

MARCOS ROSA

SOM

Terra dos cangurus, das praias, do surf, a Austrália é também a morada de bandas radicais

POR GABRIELA DIAS

ABORÍGENE

O que vem à cabeça quando você pensa na Austrália? Cangurus? Aborígenes? Se a sua idéia de Austrália ainda não vai além desse binômio, meu amigo, está na hora de se atualizar um pouco.

O Midnight Oil faz um som enérgico e suas letras falam de ecologia

A Austrália é um país-continente-ilha de clima predominantemente tropical. Seu interior, um imenso deserto, tornou-se famoso por suas formações rochosas esquisitas - como Ayers Rock - e por sua fauna e flora características. Sua costa, repleta de tesouros ecológicos e praias, concentra 85% da população em cidades como Canberra (a capital), Melbourne, Adelaide e Sydney. Mas não é só. Também é a terra do surf, a sede da última olimpíada do milênio (Sydney 2000). E a casa de muita gente boa do mundo da música.

Quer alguns exemplos? A lista é extensa. Entre os nomes mais conhecidos, pode-se citar Men At Work, INXS, Hoodoo Gurus, Midnight Oil, AC/DC, Nick Cave & The Bad Seeds, Silverchair. A cena musical australiana – *aussie*, como os nativos carinhosamente a chamam vai do folk (Jimmy Barnes) à música aborígene (Yothu Yindi), do rock (AC/DC), ao pop deslavado (Crowded House, Olivia Newton-John, Bee Gees) sob forte influência inglesa, mas sem perder a cara.

RICARDO FASANELLO/ABRIL IMAGENS

A banda Hoodoo Gurus: lotando shows pelo Brasil

A música australiana, aliás, é tão produtiva e diversa quanto qualquer outra, embora ainda seja, como a brasileira, um pouco ignorada pelo eixo pop mundial (leia-se Estados Unidos e Europa). Em geral, leva alguns anos até uma banda de sucesso na Austrália sair do circuito da Oceania para as paradas mundiais. Foi assim com o Midnight Oil, que levou três anos, desde o lançamento de seu primeiro disco, para ir a Londres promover um álbum. Para fazer uma turnê pelos Estados Unidos, a banda levou quase dez anos batalhando.

Esse isolamento faz com que boa parte da produção *aussie* se volte para o mercado interno, o que provoca resultados ambíguos. A situação é boa para o mercado regional – que sai fortalecido – e para a música em si, que se reveste de maior personalidade, com um tom característico em letras (vide o próprio Midnight Oil), atitudes e, claro, sotaque. É ruim, por outro lado, para produtores e empresários, que têm que se contentar com as restrições numéricas de um mercado consumidor pequeno (bastam 70 mil cópias vendidas para se ganhar um disco de platina por lá!). Pior para o resto do mundo, que perde a chance de conhecer bandas de qualidade.

O ciclo é quebrado, em geral, apenas por um seleto grupo de "escolhidos". Os eleitos são quase todos ligados ao mundo do surf – que parece acreditar que qualquer coisa da Austrália é boa ou "protegidos" das grandes e poderosas gravadoras, as chamadas *majors*. Na primeira categoria enquadram-se,

O Midnight Oil demorou três anos para fazer sucesso fora de seu país

HOODOO GURUS NO BRASIL

O Hoodoo Gurus não esqueceu a avalanche de gente que, em 95, tomou conta de seus shows no Brasil. Os fãs podem se preparar, porque a banda já anunciou: durante a turnê de seu mais recente álbum, "Blue Cave", fará outros sete shows por aqui. As datas, por enquanto, incluem São Paulo (11 e 12 de março), Curitiba (20), Porto Alegre (08), Florianópolis (15), Rio de Janeiro (13) e Vitória (14). O grupo tem nove álbuns. Em 95, quando veio ao Brasil o Hoodoo Gurus levou 10 mil pessoas ao Metropolitan (RJ). A banda visitou a Amazônia por sete dias, onde acabou de compor as letras de "Blue Cave".

EVITA
INNER CIRCLE
RAIMUNDOS
VERÃO WEA MUSIC.
SÓ MÚSICA BOA.
wea
music

MEN AT WORK, A MAIS TEMPO NA ESTRADA

Formado oficialmente em 1979, o Men at Work surgiu da junção de um dueto acústico (Colin Hay e Ron Strykert) com o baterista Jerry Speiser e o saxofonista/flautista Greg Ham. As músicas do dueto viriam a ser a base das primeiras composições deste grupo originário de Melbourne, cuja proposta era se divertir fazendo músicas "originais e excitantes".

Após alguns meses com essa formação, a banda incorporou o baixista John Rees. Em 1980, passou a lotar quase todos os shows que fazia em sua cidade natal, o que chamou a atenção das gravadoras.

Em 1982, após dois singles número 1 na Austrália, o grupo partiu para uma carreira internacional. Emplacou "Who Can It Be Now" de novo, desta vez nos EUA. Com o lançamento de "Business As Usual", seu primeiro álbum, o sucesso se consolidou: foram dezesseis semanas na primeira posição da Billboard, e tantas outras na Inglaterra.

Seguiu-se "Cargo", o segundo álbum, que elevou o Men at Work para o patamar de superbanda mundial. Mais de doze milhões de discos do grupo já haviam sido vendidos no mundo nessa época. A banda ganhou um Grammy e teve um vídeo transmitido via satélite direto para a Rússia.

Após tanto sucesso, Colin e Greg decidiram acabar com o Men at Work. A separação durou até 1996, quando, a pedido de fãs, a banda se reuniu novamente para uma turnê mundial que passou até pelo Brasil. O resultado dessa *tour* poderá ser ouvido em um álbum ao vivo, a ser lançado ainda este ano.

por exemplo, as já citadas Midnight Oil e Hoodoo Gurus. Na segunda, AC/DC (que em 1977 foi "resgatado" pela sua gravadora) e Silverchair (aqueles adolescentes que apareceram por aqui no festival *Close-Up Planet*, patrocinado pela Transamérica).

Esse quadro desanimador parece estar mudando. Nos anos 90, grupos cheios de adrenalina *do-it-yourself* decidiram cruzar a barreira *aussie* para alcançar alguma projeção internacional. O trio Spiderbait-Screamfeeder-Powderfinger é o melhor exemplo dessa nova tendência, que já rendeu até alguns contratos com *majors* para essa turma de novatos punk-pop (caso do You Am I, que assinou com a Warner). No Brasil, essa produção vem encontrando pouco espaço, embora "Burn Out Your Name", do Screamfeeder, tenha sido lançado aqui há algum tempo.

ECO MK® & COM

eles se encontRAM na transamérica.

(e nas lojas também).

O artista formalmente conhecido como Prince.

Emancipation

Alfagamabetizado

Carlinhos Brown.

NPG

CD. K7

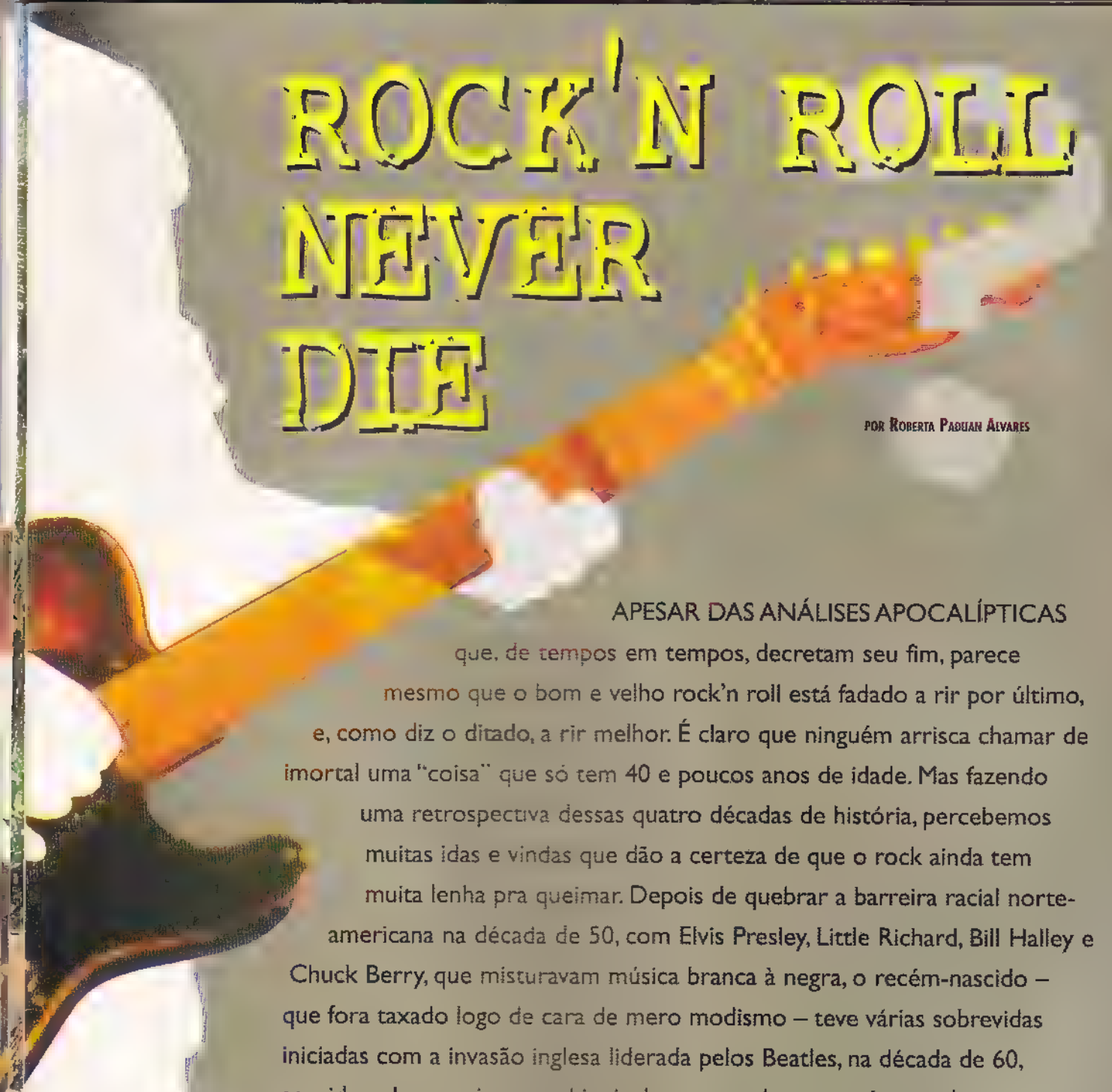
EMI

O ritmo quarentão que revolucionou o mundo chega à virada do milênio com uma crise de identidade

CAMERA PRESS

ROCK'N ROLL NEVER DIE

POR ROBERTA PADUAN ALVARES



APESAR DAS ANÁLISES APOCALÍPTICAS que, de tempos em tempos, decretam seu fim, parece mesmo que o bom e velho rock'n roll está fadado a rir por último, e, como diz o ditado, a rir melhor. É claro que ninguém arrisca chamar de imortal uma "coisa" que só tem 40 e poucos anos de idade. Mas fazendo uma retrospectiva dessas quatro décadas de história, percebemos muitas idas e vindas que dão a certeza de que o rock ainda tem muita lenha pra queimar. Depois de quebrar a barreira racial norte-americana na década de 50, com Elvis Presley, Little Richard, Bill Halley e Chuck Berry, que misturavam música branca à negra, o recém-nascido – que fora taxado logo de cara de mero modismo – teve várias sobrevidas iniciadas com a invasão inglesa liderada pelos Beatles, na década de 60, seguida pelos movimentos hippie, heavy metal, progressivo, punk, new wave, tribos dos anos 80, até o grunge, que abriu nossa década.

Hoje, pelo menos no Brasil, percebemos tantas fusões rítmicas que, se por um lado expressam uma tremenda liberdade musical, por outro trazem uma certa crise de identidade. Com tanta mistura com funk, reggae, rap, tecno, samba e ritmos regionais, ninguém sabe ao certo quem faz, onde começa ou termina o rock'n roll. Diante de tanta fusão (ou confusão), muitos lançam a temível pergunta: será que ainda existe rock neste planeta?

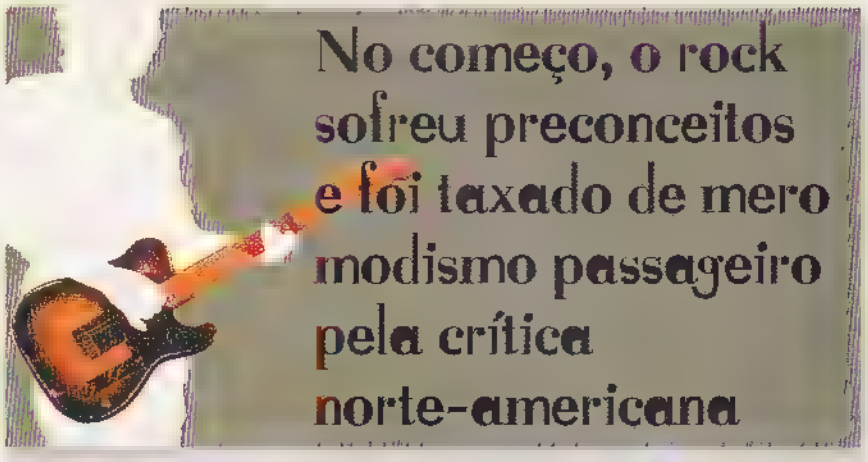
Para os mais conservadores, trata-se de uma verdadeira bagunça. "Pura enganação despreocupada com a arte, cuja única finalidade é vender discos", ataca o vocalista do Camisa de Vênus, Marcelo Nova. Auto-intitulando-se "um cara da tradição, do rock sem fusões", ele enumera antigos ídolos como Little Richard, Chuck Berry, Bob Dylan, Jimi Hendrix, Lou Reed e Raul Seixas, com quem dividiu o palco em 50 shows em 88 e 89.

FOTOS KEYSTONE

A Inglaterra invade os Estados Unidos e o mundo com os Beatles

Para Marcelo, o primeiro sinal de diluição do rock'n roll aconteceu na década de 70, com o advento do rock progressivo. "A coisa desandou quando o rock começou a ter pretensões sinfônicas, wagnerianas. Quando quiseram adotar os padrões de bom gosto da música clássica, acabou acontecendo justamente a negação das suas origens".

Apesar de excomungar a atual miscelânea de ritmos, e dizer que a maior parte do que se faz hoje em dia é porcaria, Marcelo – como todo bom roqueiro que se preza – profetiza: "o rock nunca vai acabar", exemplificando o movimento punk como uma das boas guinadas da história do rock. "Foi a salvação da pátria. A volta dos três acordes e da atitude do faça você mesmo, inaugurada pelo Sex Pistols, recuperou o equívoco do chamado rock progressivo".



Justamente na contra-mão do purismo reivindicado por Marcelo Nova, John, o guitarrista e vocalista da banda mineira Pato Fu, declara: "a gente não tá nem aí para rótulo. Já fomos acusados de não fazer rock, como se isso fosse crime. Não importa o nome que se dê. Nosso objetivo é justamente não se prender a nada. Se pintar uma idéia boa a gente usa, seja dentro de um estilo ou de outro".

John explica que o nome do primeiro disco da banda, *Rotomusic de Liquidificabum*, já é uma expressão irônica do tipo de música misturada feita pelo Pato Fu. "O som é que tem uma base rock, mesmo porque nenhum estilo permite tanta abertura. O rock não é fixo como a valsa, por exemplo. Na verdade, o que importa é que o produto seja de boa qualidade, independente da

música ser misturada ou não. Tem gente que tá pegando carona na onda e fazendo coisa ruim e tem gente que faz o chamado rock tradicional, que é muito bom". O guitarrista complementa dizendo que nenhum estilo de música é extinto. "Nada se perde, tudo se transforma. O próprio rock veio de outros estilos", lembra.

Com opinião semelhante, o baterista Marcelo Yuka, da banda carioca O Rappa, abomina rótulos. "Nós já tocamos em festivais de reggae, rap e rock e fomos bem recebidos em todos. Não temos uma classificação definida, embora sejamos chamados de banda reggae. A gente tem a atitude rock'n roll no palco, nas letras com cunho social explícito. O rock sempre teve a coisa da transgressão. Quando um cara subiu num palco, com um cabelo diferente, mexendo o quadril, foi uma ruptura para a época. Hoje, o rock é muito mais uma questão de atitude do que da forma como você toca guitarra", declara Yuka. O baterista acredita que as fusões musicais não atrapalham, pelo contrário, endossam. "É um reflexo natural do mundo, da tal da globalização. No Brasil é mais natural ainda, pois temos subsídios étnicos que já justificam as misturas". Yuka relembra que a fusão não é nenhuma novidade: "em Woodstock já se ouvia o Santana tocando com latinidade e o Sly Family Stone misturando funk, soul e psicodelia".

> "O ROCK DESANDOU QUANDO COMEÇOU A TER PRETENSÕES SINFÔNICAS"
>
> *Marcelo Nova, Camisa de Vênus*

Para o VJ da MTV, Fábio Massari, as polêmicas criadas em torno do rock não são nenhuma grande novidade. "De tempos em tempos alguém levanta a lebre de que o rock acabou ou vai acabar. Isso é conversa, até um pouco culpa da crítica especializada. O rock é uma marca cultural deste século, que envolve uma questão de comportamento e que tem implicações culturais e econômicas. Ele é muito mais do que um tipo de música. Pra mim é uma estética orgânica que incorpora outras formas estéticas". Sem identificar atualmente nenhuma "onda" definida, como o rock psicodélico do final dos 60, ou o punk, de meados de 70, Massari acredita que toda hora

Bill Haley sacode os esqueletos com "Rock Around the Clock"

KEYSTONE

Rolling Stones: a prova viva de que o bom e velho rock'n roll não morreu

tem coisa boa rolando. "Existem muitas bandas se preocupando menos com o oba-oba da mídia e do público e cada vez mais preocupadas com a musa, a música. Hoje a gente tem um monte de bandas engraçadas. Por outro lado, sobreviventes como Iggy Pop, Lou Reed, Patti Smith, estão fazendo melhor do que muitos que estão entrando no *business*. A gente tá se aproximando do final do século e ninguém sabe o que vem por aí. Mas a despeito de toda crítica, acho que o rock vai bem, obrigado".

O UIVO SOLITÁRIO

Cuidado! Se um dia você – fã desavisado – der de cara com o Lobão e cair na besteira de chamá-lo de roqueiro, prepare-se para uma rajada de metralhadora: "eu não faço rock, faço música popular brasileira, primeiro porque minha música é popular, depois porque sou brasileiro". Para completar, ele dispara: "o rock no Brasil é uma grande besteira. Nunca existiu rock debaixo do Equador". Quem não o conhece, nem nunca assistiu às suas eloqüentes entrevistas, pode ficar confuso ao ouvir essas declarações. Afinal, muitas pessoas o enxergam como o próprio estereótipo do roqueiro, a começar pela antiga cabeleira, pela postura contestadora e o som pesado de várias de suas composições, como "O Eleito", do álbum *Cuidado!*, de 1988, feita para o ex-presidente José

De Elvis Presley a Nirvana, o rock incorporou diversas influências: blues funk, reggae, rap e ritmos regionais

Sarney. Mas quem já viu Lobão desfilando na bateria da Escola de Samba da Mangueira ou ouviu o samba "Se Acaso Você Chegasse", em que ele canta ao lado de Elza Soares, começa a entender seus argumentos.

Para ele, toda essa história de pop-rock é uma grande canalhice. "O cara que se intitula roqueiro no Brasil e aceita ganhar um prêmio de pop-rock é um tremendo babaca. Diz que faz rock para não confessar que faz música popular brasileira, porque não tem auto-estima pra concorrer com Caetano Veloso. Por isso, tudo o que o Brasil fez até agora, nesse universo de música famigeradamente jovem, é pura porcaria. Você pode fazer música pesada, tocar cabeludinho, mas faça uma coisa que é sua. Mesmo que seja uma merda, ela é sua, saiu dos seus intestinos, não é subproduto norte-americano".

Lobão é polêmico e reconhece que está falando com as paredes. "As pessoas acham que eu fiquei louco ou virei evangélico, mas o que eu digo não deveria ser novidade para ninguém. Eu já dizia isso há dez anos".

O PRETO NO BRANCO

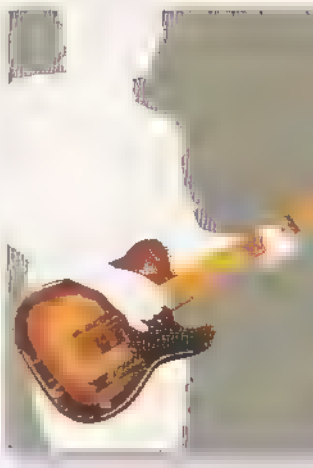
Superando preconceitos raciais, a alucinante onda chamada rock'n roll foi gerada a partir da miscigenação da música branca com a negra, num período em que a pop music dominava o cenário musical norte-americano, representando uma sociedade conservadora, que ainda comemorava a vitória da 2ª Guerra Mundial. Na periferia musical – e social, é claro – estavam o rhythm and blues e a country music, respectivas versões da exclusão negra e dos pequenos camponeses brancos. Ao que tudo indica, a pop music de Frank Sinatra e Ray Connif foi perdendo fôlego no final dos anos 40, quando as pessoas começaram a detectar as contradições entre o dito comportamento correto, pregado pela sociedade tradicional, e suas conseqüências concretas. Entenda-se aí, o saldo de milhões de mortos ao final da 2ª Guerra.

Um dos primeiros a perceber o potencial mercadológico da música negra entre os brancos, foi um disc-jóquei de Cleveland chamado Alan Freed. Em 1951, ele tocava blues e suas vertentes no programa Moondog Rock'n Roll Party. Outro branco, este de Memphis, chamado Sam Phillips, ousava gravar, além de artistas negros, jovens brancos que interpretavam blues e rhythm and blues. Phillips costumava dizer que ficaria rico quando encontrasse um branco que cantasse como negro. E foi justamente o que aconteceu quando descobriu um jovem caminhoneiro de 19 anos: Elvis Presley. Não se pode dizer que Elvis foi o pai da criança quando gravou "That's All Right Mamma", em 1954, pois a aceleração do rhythm and blues já acontecia, no mínimo,

> "O ROCK NO BRASIL É UMA BESTEIRA. NUNCA EXISTIU ROCK ABAIXO DO EQUADOR"
>
> *Lobão*

desde 1951, quando Bill Haley gravou "Rock the Joint". Certo mesmo é que ele foi a grande bomba detonadora da revolução rock'n roll. Se até então os brancos relutavam em aderir aos ritmos e ao peso dos lamentos negros, a juventude não teria motivos para fechar os ouvidos a um belo garotão, que cantava e dançava freneticamente o cotidiano dos adolescentes. Daí para frente, o caminho também se abriu para os roqueiros negros, como Little Richard, que em 1955, dá seu famoso grito de guerra *a-wop-bom-aloo-mop-a-lop-bam-boom* com a música "Tutti Frutti". Nesse mesmo ano o rock vai parar nas telas de cinema. "Rock Around The Clock", de Bill Haley, entra na trilha sonora do filme *Sementes da Violência*, embalando milhares de adolescentes que depredam cinemas dançando sobre as poltronas.

O barulho é tão forte que chega ao Brasil, quem diria, pela boca da cantora de boleros Nora Ney. Ela transforma "Rock Around The Clock" em "Ronda das Horas".



Na década de 90 várias bandas saem das garagens de Seattle para fazer sucesso: o grunge invade as rádios

ROCK, DÉCADA A DÉCADA

A virada dos anos 50 para os 60 marcou a primeira crise do rock. Três dos maiores responsáveis pela efervescência juvenil detonada nos anos anteriores foram afastados da música. Em 58, Elvis vai para uma base na Alemanha cumprir serviço militar. Jerry Lee Lewis sofre violenta campanha de desmoralização pelo fato de ter se casado com uma prima adolescente. Chuck Berry vai para a cadeia depois de se envolver com uma branca.

Mas, enquanto o rock norte-americano amargava uma crise de marasmo, no continente europeu – mais precisamente na Inglaterra – ele dava sua primeira volta por cima com o nascimento dos Beatles, em 1959. A formação de bandas, como Rolling Stones e Animals, seria o reforço para a invasão britânica nos Estados Unidos, deflagrada em 64, com a primeira apresentação dos Beatles no *Ed Sullivan Show*.

A década de 60 foi musicalmente das mais produtivas. A Motown, gravadora de música negra, lança nomes como Marvin Gaye, Stevie Wonder, Diana Ross e Stylistics, misturando rock ao blues e gospel tradicionais. Nos Estados Unidos o campo abre-se para novos gêneros do rock, como o folk, de Bob Dylan, que inaugura o rock de protesto, inserindo crítica social e política nas letras. A partir daí o caminho está livre para o psicodelismo que pregava paz, amor, sexo, drogas e rock'n roll. É a época das comunidades hippies, do sonho coletivo, dos grandes festivais. Monterrey, em 67, revela Janis Joplin e Jimi

"A DESPEITO DE TODA A CRÍTICA, ACHO QUE O ROCK VAI MUITO BEM, OBRIGADO"

FÁBIO MASSARI, VJ DA MTV

Hendrix, ainda considerado o maior guitarrista da história. O festival de Woodstock, em 69, reúne mais de 400 mil pessoas.

A virada da década traz mudanças. As mortes de Hendrix, Janis Joplin e o fim dos Beatles dá novos rumos para a música. O rock engajado é substituído pela valorização do instrumental. O chamado movimento progressivo, feito por bandas como JethroTull, Genesis e Yes, permite a inclusão de elementos da música erudita, do sintetizador.

Na década de 70 também rolaria o heavy metal do Led Zeppelin, Black Sabath, Deep Purple e Van Halen. Bandas como The Doors (Jim Morrison), Stooges (Iggy Pop) e Velvet Underground (Lou Reed) entrariam para a história sem se encaixar num gênero ou outro. O camaleão David Bowie projeta-se, não só pelo som, mas pelas performances de palco. Da música ao cinema e teatro, Bowie passeia pelo rhythm and blues e soul ou expressa sua preocupação com o colapso da Humanidade. No meio da década, o punk do Sex Pistols e do Clash propõe a volta à simplicidade, em negação ao experimentalismo, e reintroduz o conteúdo das letras, criticando o atalho comercial tomado pelo rock.

Os anos 80 trouxeram inúmeras ondas. Está no ar a new wave, o pós-punk, o trash metal, o gótico, o hip-hop. Também é época de revisitar as

DIVULGAÇÃO

Eddie Vedder, vocalista do Pearl Jam e os garotos do Nirvana retomaram a irreverência e a rebeldia dos primeiros tempos do rock

décadas anteriores. O dark do Cure, Smiths e Siouxie and Banshees aborda o cotidiano da juventude proletária inglesa. O U2 revisita o rock de protesto dos anos 60. A exemplo de "Blowin in the Wind" (63), de Bob Dylan, os irlandeses cantam "Sunday Bloody Sunday".

Nossa década começa com um fenômeno curioso. As bandas que nos anos 80 estavam confinadas às garagens e aos selos independentes, caem nas graças das grandes gravadoras. O chamado rock alternativo vira o grunge, que é exportado de Seattle para o resto do mundo com o Nirvana, Alice in Chains e Pearl Jam. O Red Hot Chili Pepers e o Faith No More misturam funk e heavy, e os *revivals* vem à tona com Oasis e companhia tocando a "la" Beatles. O punk ganha nova versão com o Green Day e o Offspring. Revirando o passado ou não, parece que o rock continua bem, obrigado.

PMI-700 e PMI-705.

Dois novos modelos de Mini Systems Applause Philco.

Onde você ouvia "potência", ouça-se mais potência.

O 700 tem analisador de espectro de cinco bandas, função Karaoke, Timer On e Timer Off e CD Synchro (gravação automática de CD com apenas um toque).

O 705 tem Controle Remoto Total (controla inclusive o tape deck), CD Synchro inteligente (gravação automática de uma música que não coube do outro lado da fita), programação para ligar/desligar/gravar automática e função Dolby (redutor de ruídos).

Ambos têm ainda gaveta para três CDs, quatro formas de equalização eletrônica (rock, pop, classic e flat), reforço de graves e caixas acústicas de três vias.

Mini Systems Philco.

É ter agora, ou se arrepender para sempre.

Novos Mini Systems Applause Philco.
Agora, ainda mais potentes.

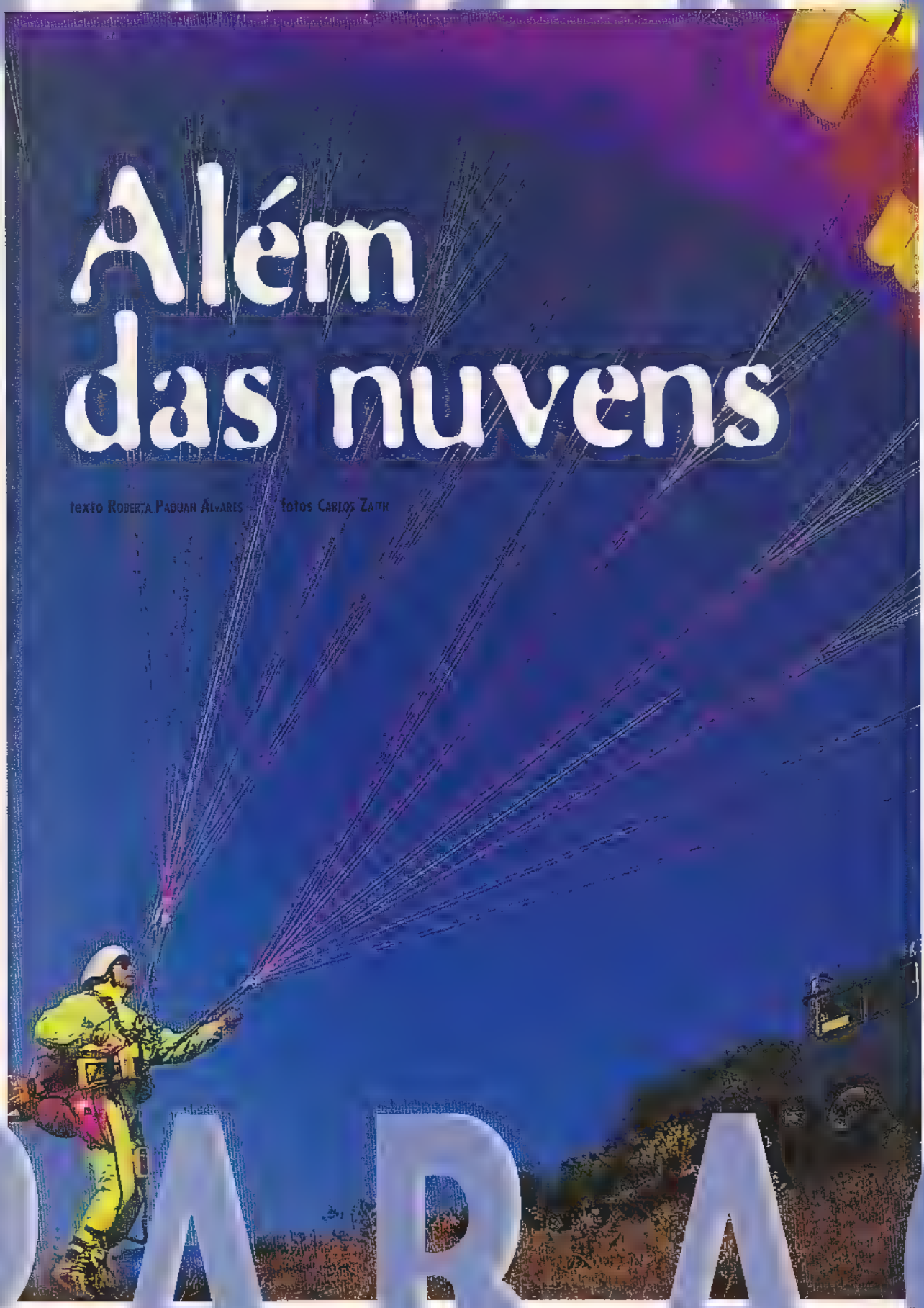
Depois você fica aí perguntando o que é que o outro cara tem que você não tem.

PHILCO

TEM COISAS QUE SÓ A PHILCO FAZ PRA VOCÊ.

Além das nuvens

texto Roberta Paduan Álvares fotos Carlos Zaith



A ordem desse esporte é saltar montanha abaixo e deixar a adrenalina subir

IMAGINE-SE ESCALANDO O MONT BLANC, o pico mais cobiçado dos Alpes – na fronteira da França com a Itália – com 4 810 metros de altitude. Dois dias e duas noites de subida, cansaço, frio e muita adrenalina. Agora imagine o êxtase da chegada, a comemoração da conquista, a vista de tirar o fôlego. Até aqui, tudo é festa. Mas aí vem a pior parte: a descida, que não é exatamente o objeto do desejo dos alpinistas. Foi justamente na tentativa de resolver este problema que acabou surgindo uma nova modalidade de vôo-livre: o *parapente*, na versão francesa, *paraglider* ou *paragliding*, na norte-americana.

Criado no final da década de 70 por alpinistas exaustos, que queriam descer das montanhas voando em vez de fazê-lo a pé, o *parapente* é o filho prodígio do casamento do alpinismo com o pára-quedismo. Ninguém sabe ao certo quando ou quem inventou o esporte. Certo mesmo é que ele foi aperfeiçoado por franceses e suíços.

No começo, o *paraglider* era um simples pára-quedas quadrado, com pouca capacidade para planar: "afundava" rápido, como dizem os parapentistas. Com o tempo, ele foi ganhando nova aerodinâmica, até se transformar em uma verdadeira aeronave, capaz de sustentar-se demoradamente no ar.

A emancipação do *paragliding* em relação ao pára-quedismo e ao alpinismo ocorreu já no final dos anos 80, quando o novo esporte começou a se espalhar pelos quatro ventos, conquistando adeptos no mundo inteiro. Hoje, apesar de ainda estar muito longe de ser um esporte popular — tanto pelos custos do equipamento, como pela coragem de que é preciso para praticá-lo – o *paragliding* já arrebatou mais de 150 mil praticantes em todo mundo, incluindo os cerca de mil pilotos brasileiros.

O primeiro vôo no Brasil foi feito pelo guia francês de alpinismo Serge Koenig, em 1985, no Rio de Janeiro. De passagem pelo país, a caminho do Himalaia, o francês decolou do Pão de Açúcar. Mas só em 88 é que o esporte começaria a pegar em céus brasileiros. Aproveitando-se das rampas naturais da capital nacional da asa-delta, os cariocas Bruno Menescal, Ruy Marra e Daniel Schmidt foram os primeiros brasileiros a decolar com essas asas de náilon colorido. Em seguida, o esporte foi introduzido em São Paulo pelo engenheiro aeronáutico Roberto Hering, um dos dois únicos fabricantes nacionais de equipamentos para a modalidade.

SEGUINDO OS URUBUS

O desenvolvimento aerodinâmico do equipamento chegou ao ponto de proporcionar horas e horas de vôo. Basta o piloto saber aproveitar as condições atmosféricas. Em ilhas oceânicas, como o Havaí, onde os ventos são diuturnos, bate o recorde de permanência de vôo aquele que tiver mais paciência.

A decolagem com o *paraglider* é feita em rampas, a exemplo da asa-delta. Existem basicamente dois tipos de vôos: o *lift* e o termal. No primeiro caso, o piloto decola aproveitando-se da corrente ascendente formada pelo choque do vento contra obstáculos, como uma montanha, por exemplo.

No vôo termal, considerado mais técnico, o parapentista "pega carona" nas bolhas de ar quente que se desprendem do solo e sobem para o céu formando os *cumulus*, aquelas nuvens parecidas com algodão. As térmicas, como são chamadas essas bolhas de ar quente, formam-se a partir da diferença de temperatura entre o ar que está na atmosfera e o que é aquecido indiretamente pelo solo, por estar mais próximo do chão. Como o ar quente fica menos denso, a tendência natural é que ele suba. Esse tipo de vôo é o deleite dos parapentistas, que conseguem alcançar até quatro mil metros acima do nível do mar, ou até dois quilômetros acima do ponto de decolagem. Trata-se do mesmo mecanismo utilizado pelos urubus e condores. Aliás, esses pássaros são dois ótimos indicadores de que há térmicas "à vista".

O vôo termal, entretanto, é recomendado somente aos pilotos mais experientes. Além de não ser muito fácil identificar uma

As rampas são o ponto de partida para o vôo com *paraglider*, a exemplo das asas-deltas

Se o piloto souber aproveitar os ventos, pode permanecer durante horas solto no ar

térmica, ela pode agir como uma verdadeira vilã. Os *cumulus* formados por essas bolhas podem crescer e se transformar em imensas nuvens de tempestade, os *cumulus nimbus*, que alcançam até 12 mil metros de extensão vertical. Por isso, um piloto inexperiente deve ter cautela, pois nessa situação ele não consegue pousar: pode ser literalmente tragado pela nuvem.

O empresário Juan e seu filho Ricardo: família voando unida

O PRIMEIRO VÔO A GENTE NUNCA ESQUECE

Depois de trabalhar a vida inteira dentro de escritórios de multinacionais, o administrador de empresas Juan Jimenez Alvarez, de 53 anos, resolveu se aposentar. Ao contrário de pendurar as chuteiras, ele decidiu fazer uma coisa que jamais tinha sonhado: voar de *paraglider*. Tudo começou com as freqüentes viagens à cidade de Atibaia, no interior de São Paulo, uma das regiões do estado mais propícias para vôo-livre. "O céu sempre estava forrado de *paragliders* e asas-deltas. A gente ficava imaginando que deveria ser uma delícia voar, mas a primeira impressão é a de que só louco faz isso".

Juan resistiu durante três anos à insistência do filho mais velho em aprender a voar. Mas como pai é pai, liberou Ricardo, de 21 anos, para fazer o curso. Para completar, ainda ficou de resgate: enquanto o filho alçava os primeiros vôos, lá estava o pai ajudando a levar o equipamento até o topo da montanha e depois descendo morro abaixo para buscar o filho de carro.

Já convencido de que voar de *paraglider* não era assim tanta loucura, Juan resolveu fazer um vôo duplo enquanto assistia a uma competição do campeonato brasileiro, em 1994. Pai de três filhos, Juan conta que até então só tinha tirado os pés do chão em viagens de avião. Sem nenhuma ligação com os esportes ditos radicais, seu currículo esportivo incluía inocentes partidas de tênis de mesa, na juventude. Mas ele

gostou tanto do primeiro vôo duplo que decidiu repeur a dose. "A sensação é incrível. Nas primeiras decolagens o frio na espinha é inevitável, afinal você está correndo para o vazio. Depois é delicioso. A paz, o silêncio, a brisa batendo no corpo, a vista maravilhosa. É muito gostoso", revela.

Sem escapar à regra, Juan acabou fazendo o curso e declara: "não sou fanático, mas vôo pelo menos uma vez por semana". Imagine se fosse! Nessa brincadeira, até a esposa, que tem pavor de altura, ajudou no resgate do marido.

SEM LIMITES PARA VOAR

É certo que o filho de 21 anos ajudou na decisão do pai, mas Juan é o típico exemplo de que o *paragliding* pode ser praticado por qualquer pessoa, de qualquer idade, sexo ou tamanho. Outra boa prova disso é a pequena Tea Tanaka, de 32 anos, 43kg e 1,53m de altura. Ela foi a primeira mulher a voar em São Paulo, em 1989. Sob forte influência do namorado, Tea tentou voar de asa-delta, mas o peso e a estrutura do equipamento acabaram frustrando o sonho da então

estudante de computação do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). A chegada do *paraglider*, mais leve e mais fácil de transportar, foi a solução para muitas mulheres que não se davam bem com a asa-delta. No caso de Tea, o hobby chegou ao nível das competições e acabou virando profissão. Hoje, ela trabalha com o marido, Roberto Hering. O casal fabrica equipamentos e dá aulas sobre o esporte.

Se no caso de Tea, a influência veio por parte do atual marido, o francês Alain Keruzore, de 50 anos, não pode dizer o mesmo. Foi a esposa, Laure, da mesma idade, que o levou literalmente às alturas. Ela começou a fazer o curso com uma amiga e, no final, os dois maridos resolveram aprender a voar também.

Hoje, certamente os funcionários que cruzam com Alain nos corredores da Cibié do Brasil, empresa que ele dirige, não suspeitam que nos finais de semana o executivo abandona o terno e a gravata para se equipar com macacão, capacete e toda parafernália usada no esporte.

KIT BÁSICO
Velame: US$ 1500 a US$ 3500
Selete: US$ 150 a US$ 900
Pára-quedas reserva: US$ 350 a US$ 900
Capacete: US$ 45 a US$ 300

ACESSÓRIOS
Rádio: US$ 250 a US$ 600
Variômetro: US$ 250 a US$ 1000
Anemômetro: US$90
Macacão: US$ 100 a US$ 300
Bota: US$ 100 a US$ 250

Obs.: os valores se referem ao menor e maior preço de cada item, incluindo marcas nacionais e importadas coletadas em oito lojas de SP, RJ, RS e MG.

***Dica: Guia 4 Ventos Brasil**, de Carlos Millan e Maurice Chalon. O livro traz o mapeamento de 90 rampas em 14 estados brasileiros. À venda na ABVL. Telefone (021) 322-0266, RJ.*

TREINAR PARA NÃO SE ESBORRACHAR

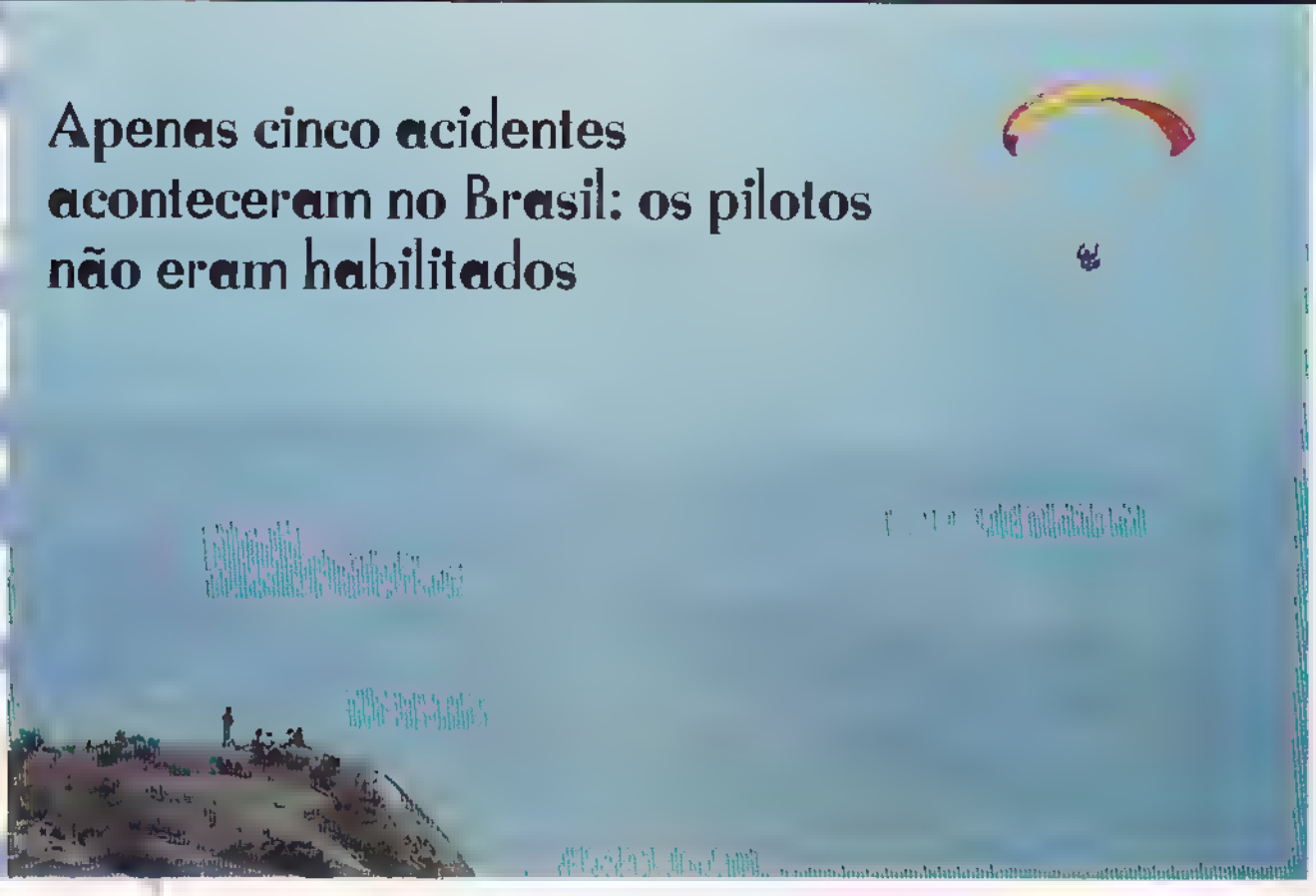
Um velame multicolorido, uma cadeirinha, um capacete, um pára-quedas reserva e muita coragem. São estes cinco itens que um piloto precisa para voar, além do vento, é claro. Antes disso, porém, ele terá que enfrentar muitas horas de instruções teóricas e práticas, estudar conceitos de física, meteorologia, reconhecer o equipamento e aprender os comandos do *paraglider* – afinal, trata-se de uma aeronave.

Nas primeiras aulas práticas, o aluno aprende a inflar e controlar a vela, num treinamento que o transforma numa espécie de marionete ao contrário, pois é ele quem toma a direção do *paraglider* por meio das cordinhas. Depois de, em média, 60 horas de treinamento, o aspirante a piloto começa a alçar seus primeiros vôos, monitorados pelo instrutor para, em seguida, fazer a prova no Departamento de Aviação Civil (DAC) e obter o brevê de piloto.

A importância de freqüentar um bom curso, sempre se certificando de que a escola é registrada na Associação Brasileira de Vôo Livre (ABVL) e no DAC é

São necessárias 60 horas de treinamento, em média, para se obter o brevê de piloto

Apenas cinco acidentes aconteceram no Brasil: os pilotos não eram habilitados



ONDE APRENDER A SAIR DO CHÃO

SÃO PAULO

Ar Livre
Curso com 12 aulas práticas e 8 teóricas, sem número estabelecido de horas. Preço: R$ 600,00, incluindo equipamento até o final do curso. Rua Lavrado, 549 Barra Funda Tel.: (011) 67-4787

Centro Paulista de Paragliding
Curso com 8 horas de aulas teóricas e 8 dias de aulas práticas. Preço: R$ 600,00, com fornecimento do equipamento até o final do curso. Rua Trajano, 96, 2o. andar Lapa Tel.: 0800 166033

Aerobatti
Curso com 4 horas de aulas teóricas e 56 horas de aulas praticas. Preço: R$ 600,00, incluindo equipamento Fazenda Aeródromo km 7 da estrada Caçapava Monteiro Lobato Tel. (012) 322-2210

RIO DE JANEIRO

Super Fly
Curso de 10 aulas práticas, com duração de 3 horas cada e 6 horas de aulas teóricas Preço R$ 900,00 incluindo equipamento, fita de vídeo e 4 vôos duplos de instrução. Estrada das Canoas, 1476, casa 2, São Conrado Tel. (021) 322-2286

Sky Center
Média de 25 aulas, de 3 a 4 horas cada, e 3 aulas teóricas com a mesma duração. Preço: R$ 800,00, incluindo equipamento até as 10 primeiras aulas Estrada do Pontal, 406, Grota Funda Tel. (021) 266-0978.

Tropic Fly
Curso com duração de 30 horas, divididas em 8 aulas teóricas e práticas, todas em campo. Preço: R$ 500,00, incluindo equipamento Tel.: (021) 226-7822 e 962-7119.

RIO GRANDE DO SUL

Top Fly Paragliding School
Curso com 4 aulas teóricas e 15 aulas práticas, sem número estabelecido de horas Preço: R$ 450,00 incluindo equipamento Rua Santos Dumont, 797, Caxias do Sul Tel.: (054) 228-2088 e 228-2680

MINAS GERAIS

Weekend Fly
Curso com 15 aulas práticas e 5 teóricas de 2 horas. Preço: R$ 400,00, com fornecimento de equipamento durante o curso Av. Juscelino Kubitschek, 627 Governador Valadares Tel.: (033) 221-4725.

fundamental. Mesmo considerado um esporte seguro o *parapente* oferece alguns riscos. Embora seja fácil de ser controlado, a estrutura flexível do material é vulnerável aos ventos fortes, podendo até dobrar em condições não apropriadas.

Desde a introdução do esporte no país, aconteceram cinco acidentes fatais. "Todos provocados pela má formação dos pilotos", observa o diretor técnico da Associação Brasileira de Vôo-Livre, José Luiz Moura Velloso. "Dos cinco acidentes, quatro aconteceram em vôos simples e nenhum dos pilotos tinha a habilitação do DAC", garante Velloso.

ONDE VOCÊ ACHA QUE VAI ENCONTRAR OS SUCESSOS DA TRANSAMÉRICA?

EM CD Sony Music

Ricky Martin
TRANSAMÉRICA

Ricky Martin não é mais o mesmo

Oito anos depois de deixar o Menudo, o porto-riquenho se divide entre a música, o teatro e a TV, mas carregando a bandeira da música latina

POR GABRIELA DIAS

Ricky Martin está com tudo - e não está prosa. Na carona do hit "Maria", do platinado álbum "A Medio Vivir" (1995), Ricky vem se projetando nos quatro cantos do globo - até no Brasil, onde ele não aparecia desde que, em 1989, saiu do conjunto que o lançou, o Menudo. "O Brasil é muito especial, por isso tive que me preparar para voltar", brinca ele, referindo-se ao tempo em que passou sem trabalhar aqui. A edição brasileira de "A Medio Vivir" saiu há cerca de 1 mês, com duas faixas-bônus em português. Quando do lançamento, Ricky veio à terrinha promover o álbum, aproveitando o sucesso da versão remix de "Maria" na abertura da novela global "Salsa e Merengue". Falando com ele na época, dava para notar que Ricky Martin estava titubeante quanto às suas possibilidades por aqui, embora estivesse satisfeito com o que estava encontrando.

A hesitação, natural, provavelmente vinha de lembranças dos tempos de Menudo. Há 10 anos, Ricky e os outros garotos tinham que vestir a camisa para cantar num "espanhês" enrolado, porque o mercado brasileiro não aceitava bem músicas em espanhol. Procurando razões para o fenômeno que sempre o prejudicou, Ricky me disse, durante o lançamento: "Acho que, por ter uma música muito rica, o Brasil sempre se comportou [em relação à América Latina] como se não precisasse de mais nada".

A satisfação, por outro lado, era conseqüência da nova realidade que Ricky começava a vivenciar. O Brasil havia mudado. As rádios tocavam, sem pudores, com muito sucesso, músicas em espanhol e italiano. Culpa da Macarena, diriam uns. Ricky tinha outra explicação. "O interesse brasileiro pelo espanhol cresceu porque agora as coisas estão mais globalizadas."

Por conta da globalização e da Macarena, os brasileiros já haviam comprado, até a data de fechamento desta edição, 200 mil cópias de "A Medio Vivir", conferindo-lhe disco de ouro. O sucesso confirmou as esperanças do cantor, mas não deixou de surpreendê-lo: "Fiquei espantado com a enorme aceitação de 'Maria' em espanhol, mas entendi que o Brasil mudou. Aliás, este fenômeno é mundial."

O precavido Ricky já havia gravado uma versão em português da mesma música - mas, desta vez, não precisou usá-la.

Tanta empatia só podia acabar em turnê: no início de janeiro, Ricky baixou no Nordeste para dar partida em sua primeira temporada brasileira como solista. Durante três semanas, o cantor irá rodar o país para fazer de 15 a 20 apresentações em cidades tão distintas quanto São Paulo e Itabuna. O roteiro não é novidade ("Eu praticamente morei no Brasil quando estava no Menudo", diz ele), mas o

"Hoje o público do mundo inteiro está pedindo coisas novas. Entre elas, a música latina, dançante"

gostinho especial: "Agora é outra coisa". Para este fã confesso de Martinho da Vila, o mundo está pedindo coisas novas. Segundo ele, é aí que entram suas canções, "canções em outras línguas, com outros ritmos, levadas diferentes". Tudo isso ele contou pessoalmente à [illegible] nossa reportagem durante as duas visitas ao Brasil.

Revista Transamérica: Que diferença você vê entre a época em que estava no Menudo (quando tinha que gravar álbum inteiro em português) e agora (quando as pessoas pedem para você cantar em espanhol)? Essa mudança é um fenômeno mundial, ou uma conseqüência da integração da América Latina?

Rick Martin: É um pouquinho de cada coisa. O mundo está pedindo coisas "novas", que para nós, latinos, sempre estiveram aí. Nunca corremos atrás desse sucesso porque tínhamos medo da rejeição, medo de que nos dissessem: "Latinos? Não". Agora, está surgindo essa coragem, esse senso de valor que diz: "Sim, nós podemos, nós temos capacidade".

RT: Uma vontade de quebrar o preconceito?

RM: Exatamente. O querer é mais importante que o fato do público estar "preparado" ou não. Agora, parece que esses dois fatores estão juntos. Agora, há o querer e há o público pedindo coisas novas. Entre elas, a música latina, dançante.

RT: Você acha que havia preconceito, no Brasil, contra

música em espanhol?
RM: Acredito que sim. Acho que, devido à qualidade da música produzida aqui, os brasileiros pensavam que não precisavam de mais nada. O que é ótimo, é legal – é sinal de que os brasileiros valorizam a própria cultura, as próprias raízes. Essa é uma das razões pelas quais eu tiro o chapéu para o Brasil. Mas essa mudança vem do ritmo da própria vida, da evolução natural das coisas. Hoje as pessoas viajam mais, vêem coisas diferentes, músicas diferentes, outras culturas.

RT: *Isso vai durar ou é um fenômeno passageiro?*
RM: Creio que vai durar, sim. É como na época do Menudo. De repente, havia muitos grupos de cinco integrantes, no mesmo estilo. Mas só ficaram um ou dois.

RT: *Na época do Menudo, você tinha essa preocupação de resgatar a música latina?*
RM: Não.

RICKY MARTIN EM NÚMEROS

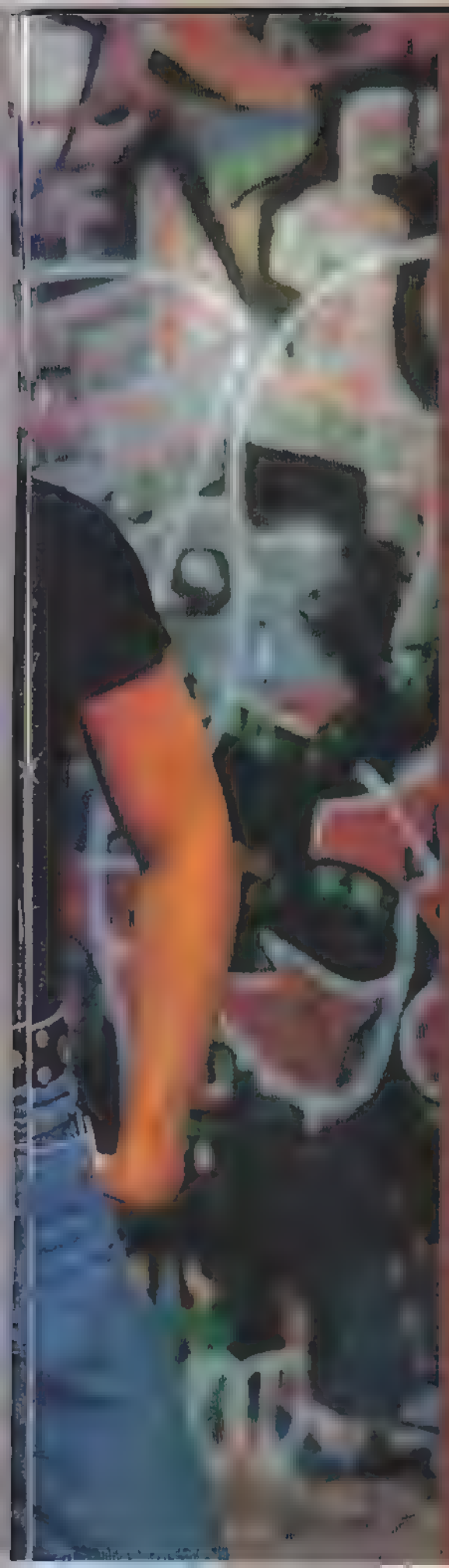
3 álbuns-solo ("Ricky Martin", de 91, "Me Amaras", de 93, e "A Medio Vivir", de 95)

3 milhões de cópias vendidas no mundo

21 discos de platina e 20 de ouro

2 milhões de pessoas como espectadores (350 mil pessoas em uma única ocasião: um show ao ar livre em Buenos Aires, em 2 de novembro último)

- 30 países e 20 cidades percorridos



"Viajando e conhecendo países diferentes, passei a perceber que devia valorizar mais a nossa cultura latina"

RT: Como aconteceu essa virada? O que mudou, em você?
RM: Viajando, conhecendo

tinha que acontecer, tinha que acontecer... Para nós [dos Menudos], que éramos

própria cultura. Mas quando a

Passa a enxergar o próprio potencial. Também pelo que acontece no meu país, politicamente...

Porto Rico?
RM:

em torno da nossa identidade, uma dúvida entre ser latino ou

Há muita gente, mais realista, que acha que sem os EUA, infelizmente, não dá. Por outro lado, não queremos perder nosso idioma, nosso hino, nossa bandeira, então também existe nacionalismo. Pra mim,

relação EUA-Porto Rico, o que

se espalhem pelo mundo, para que as pessoas passem a ver Porto Rico como um país que

meu coração, agora.

local?
RM:

tomar uma decisão nesse

Porto Rico?
RM: Por muitos anos era só música americana, totalmente. A maioria das rádios era em inglês, tudo muito americanizado.

RT: Mesmo com a terra do merengue do lado de vocês?!
RM: Sim, e nós somos a terra da salsa! Agora as coisas estão mudando. Os jovens não escutam tanto música

mais flamenco.

RT: Que artistas, nesses estilos,

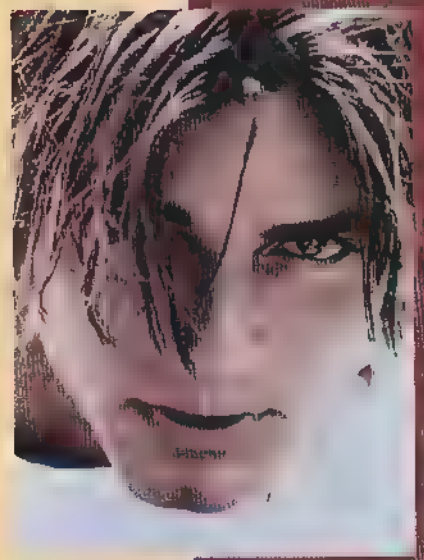
RM: Ruben Blades, Juan Luis Guerra, Celia Cruz, Gilberto de

Japão, a Nova Iorque...

RT: E você, compõe?
RM: Sim, sim.

INFLUÊNCIA LATINA É NOVIDADE

Ricky Martin está disposto a provar que seus tempos de Menudos ficaram para trás. Resolveu assumir sua condição latina e incorporar influências em seu trabalho. O mix é novidade: antes de "A Medio Vivir", os trabalhos solo passeavam pelo terreno do pop romântico. Agora, o cantor se diz mudado: "Eu tinha só 12 anos quando entrei nos Menudos. Hoje sou outra pessoa." Ricky credita seu amadurecimento às viagens que fez: "Andando pelo mundo percebi o quanto devo me orgulhar de ser latino. Temos que mostrar coragem, valor e não ter vergonha de levar nossa música por aí." Com isso em mente, o porto-riquenho resolveu incorporar a *latinidad* ao seu trabalho: "Minha intenção não é deixar o pop, mas fazê-lo refletir minhas influências". Segundo ele, a versão original de "Maria", diferente do remix que toca em "Salsa e Merengue", é um bom exemplo dessa mistura: "'Maria' tem um pouco de cumbia, de salsa, de flamenco. Essa fusão reflete o que sou: preto, índio, espanhol, uma mistura de tudo."



RT: Música ou letra?
RM: Um pouco dos dois, sempre com alguém do meu lado. Ainda estou aprendendo.

RT: Daqui pra frente você quer continuar levando seu trabalho nesse sentido, misturando ritmos?
RM: Com certeza. É o que quero, é o que sou. Sou preto, porque tenho sangue africano, branco, porque tenho sangue espanhol e índio, porque tenho ascendência dos nativos de Porto Rico. Essa é minha cultura. Fundir também é uma forma de atiçar o público, de provocá-lo musicalmente. É por isso que "Maria", graças a Deus, é sucesso em todo o mundo: porque tem um pouco de salsa, de cumbia, de flamenco.

"Misturar ritmos também é uma forma de atiçar o público, de provocá-lo musicalmente. Por isso 'Maria' é sucesso"

RT: Você acha que conhecer outras culturas foi um fator essencial para se aproximar das suas origens?
RM: Sim, porque eu conheci países como o Brasil, como o México, que valorizam a própria cultura. Isso fez com que eu me perguntasse: "Mas por que isso não acontece em Porto Rico?" Porque fomos nos perdendo, voltados só para o que é americano. A cultura local vai acabando. Mas não é só em Porto Rico. Sabe o que acontece na Argentina com o tango, que é tão lindo? Os argentinos não o querem e desprezam. Mas se você vai à Paris, a Roma, o povo adora tango. No Japão adora-se salsa. Não quero que isso acontece em minha terra. Gostaria que as coisas fossem como antes das mudanças políticas que influenciaram o país.

RT: É o brasileiro? Sabe dançar?
RM: O samba é muito difícil, parece quase alienígena para quem não é daqui.

RT: No programa da Xuxa (outubro de 96) você parece ter ficado constrangido quando ela se pediu para dançar "na boquinha da garrafa"...
RM- Claro! Nunca dancei em cima de nada... (risos).

10 DIAS POR MÊS SEM JUROS.

O QUE A GENTE QUER GANHAR COM ISSO?

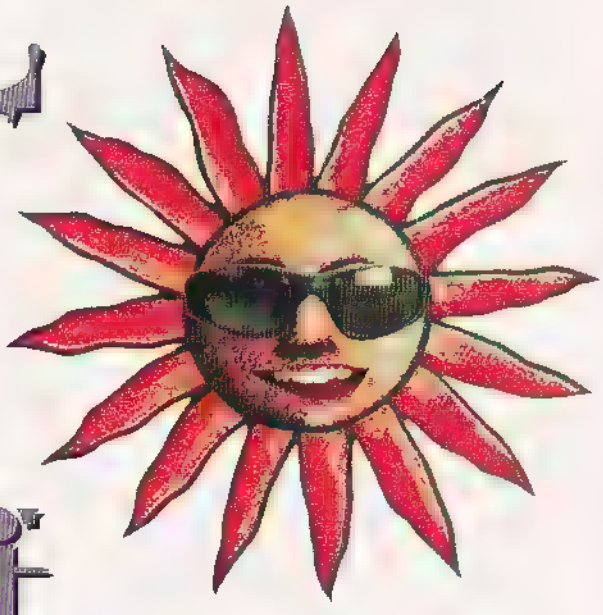
VOCÊ.

Se você acha injusto o que os bancos cobram pelo cheque especial, existe um banco que pensa como você. Por isso, o Banco Real tem o RealMaster, um empréstimo totalmente sem juros e que você nem precisa pedir. Ele funciona como um cheque especial com o maior limite que você já viu. Aliás, com um limite que você nunca viu: 10 dias por mês sem juros. Com o RealMaster, você só paga os encargos por esses 10 dias se a conta continuar a descoberto por mais tempo. Passe numa agência do Banco Real e abra hoje mesmo uma conta. Se tempo é dinheiro, você já está perdendo os dois.

REALMASTER
10 DIAS POR MÊS SEM JUROS

Banco Real

O SOL mora aqui



fotos Bruno Alves

Há menos de sete anos, o único acesso à maior parte dos vilarejos e aos 150 quilômetros de praias entre a capital de Alagoas, Maceió, e a foz do Rio São Francisco, na divisa do estado com Sergipe, era por precárias estradas de terra no meio de canaviais. Ou pelo mar. A abertura de uma rodovia, a AL-101 Sul, abriu a região para o turismo e veio mexer com os costumes de uma gente habituada à calmaria de suas praias.

A cultura mudou um pouco, é certo, em vilas caiçaras como Jequiá da Praia, Poxim, Pontal do Coruripe e Feliz Deserto. Mas as paisagens litorâneas desse desconhecido trecho do litoral do Brasil continuam deslumbrantes como nos tempos em que invasores holandeses e franceses andaram por ali, séculos atrás.

Sólidas lembranças dos franceses ainda resistem na badalada Praia do Francês, a 30 quilômetros de Maceió: além do próprio nome, restaram do tempo da ocupação as ruínas de um leprosário. Renegados em seu país, os leprosos eram trazidos para essa colônia nas mesmas viagens em que marinheiros eram incumbidos de levar pau-brasil para a França. Ao sul do Francês, depois também da praia de Barra de São Miguel, Gunga é a primeira das praias reveladas depois da abertura da rodovia. A extensa lavoura de coco cravada sobre a areia fofa quase invade o mar e se estende por 20 quilômetros até a praia que margeia o primeiro e um dos mais curiosos vilarejos da região.

Os paredões coloridos de Jacarecica, os barcos rústicos do São Francisco, a comunidade simples da Praia do Peba: paisagens alucinantes de Alagoas

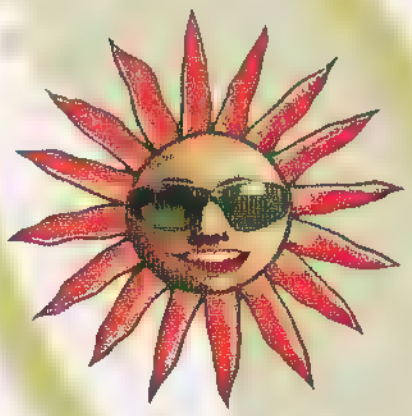
A construção de uma nova estrada, a AL-101 Sul, abriu caminho para incríveis praias desertas de águas verdes

Lagoa Azeda tem até uma "história oficial". Os mais velhos moradores contam que, há 250 anos, aportou ali, depois de uma tormenta, um pescador chamado Antônio Moço. Vendo a família morrer de sede, ele cavou um poço com as próprias mãos. A água salobra, meio azeda, deu nome à vila que fundaria depois e fez com que ele vivesse até depois dos 100 anos.

Além dessa lenda, há ainda um mistério impregnado na história do lugar. De dezembro a março, na entrada da lua cheia, um vento estranho sopra do mar e aterroriza a população. Ele é chamado tingui. A maresia torna-se intensa e um cheiro forte entorpece as pessoas. O nariz arde, a garganta se irrita e a respiração fica quase impossível. Vem então uma febre forte, dores no corpo e fadiga. "É preciso deitar e esperar três dias. Aí passa, por encanto", diz dona Antônia Maria da Conceição, 78 anos de Lagoa Azeda. Como não há cura ou remédio, os moradores da vila optaram por uma solução inusitada: construíram num terreno afastado do mar, protegido por um morro, pequenas casas de palha. Na precipitação do tingui, todos ocupam essa moradia provisória, onde o vento não chega.

Ao redor de Lagoa Azeda há praias dominadas por imensas falésias, desertas e de acesso complicado. Em Jacarecica, por exemplo, camadas de areia amarela e vermelha alimentam paredões de 50 metros de altura, criando formas estranhas, esculpidas pelo vento. A paisagem agressiva das falésias termina na tranqüilidade das praias da região de Jequiá da Praia e Pontal do Coruripe, os maiores povoados às margens da rodovia. Jequiá e Coruripe levam aquela vidinha típica das pequenas cidades do litoral brasileiro: quase não há trabalho, mas também não há miséria. Ninguém passa fome ou reclama da rotina. Em Coruripe, as calçadas são palco de uma antiga atividade das mulheres locais: a confecção de cestos de uma palha de coqueiro chamada ouricuri. Na praia de Barra do Jequiá, o encontro do Rio Jequiá com o mar cria um dos mais belos cenários do

litoral de Alagoas. O rio vem do interior e corre paralelo à praia por três quilômetros. Quando finalmente se junta ao mar, forma uma barra de águas tranqüilas, uma verdadeira piscina natural. Nas marés cheias, o verde do mar avança sobre as águas escuras do rio e cria um show de cores e tons capaz de hipnotizar até mesmo o mais matuto dos caiçaras locais.



Como quase todas as praias secretas do sul de Alagoas, a Barra do Jequiá fica numa propriedade privada, a fazenda Duas Barras. As duas barras do nome da fazenda são uma referência também a outro rio, o Poxim, que desemboca no mar num espetáculo semelhante ao do Jequiá. O acesso complicado ao Poxim, no entanto, desanima os visitantes menos dispostos. Não há placas de localização na estrada, é preciso pedir autorização em uma outra fazenda e, ainda assim, caminhar um bom trecho de praia e mangue. A barra, na Praia da Pituba, continua por isso tão deserta como todas as outras grandes praias de mar aberto que se seguem ao sul de Alagoas: Gameleira, Lagoa do Pau, Pontal do Coruripe, Miaí, do Poço, Japu, do Toco e Fleixeira. Até que, enfim, chega-se ao Peba.

Limitada por um pontal, onde fica uma próspera vila de pescadores, o Peba é uma das mais grandiosas praias do Brasil. São 22 quilômetros de dunas e mar raivoso até a foz do Rio São Francisco. Cercada por coqueirais e manguezais intocados, a praia chega a ter 4 quilômetros de largura e desafia a presença do homem: para percorrer suas areias e chegar até a foz, no chamado Pontal da Barra, é preciso escolher a maré certa e, mesmo assim, aconselha-se o uso de veículos 4X4. Vale o sacrifício: o Pontal da Barra é um mundo de água e areias visitado apenas por caiçaras nômades que perambulam na área com suas tarrafas. Outros pescadores vêm de barco de Piaçabuçu, a cidade mais próxima, em busca de xaréus, dourados, albacoras e outros peixes. Os ventos fortes e costantes revolvem as areias e criam a impressão de se estar num deserto. Um deserto banhado pelo mar e pelas águas do mais extenso rio navegável do país — o "Velho Chico" corta o Brasil numa longa viagem por Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Ao longo dos últimos oitenta

Em Barra do Jequiá, o rio do mesmo nome junta-se às águas do mar para formar piscinas naturais

SOMBRA E ÁGUA FRESCA

O litoral sul de Alagoas reserva nada menos que 150 km de praias praticamente desertas. Entre um mergulho e outro, veja onde descansar nos principais vilarejos do percurso:

PENEDO

Pousada Colonial - Pça. 12 de Abril, 21
tel. (082) 551-2355

CORURIPE

Pousada Pontal Praia [illegible]
Jo Coruripe, 8 km, tel [illegible] **Pousada**

BARRA DE SÃO MIGUEL

Lua Pousada - Av. [illegible]
tel. (082) 272-[illegible] **Pousada Mar e Sol**
R. Salvador Aprato, s/nº
tel. (082) 272-1159

MARECHAL DEODORO

Pousada Cumaru - Av. dos Coqueiros, [illegible] tel. (082) 260-1263 **Pousada do Aconchego** - R. Carapeba, s/n [illegible] **Pousada Manguaba** - [illegible] tel [illegible]

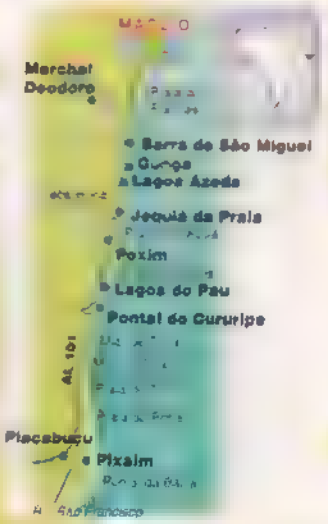
Numa região onde as águas garantem a fartura dos pescadores, ninguém passa fome ou reclama da rotina

A comunidade de Pixaim é um dos trechos mais belos e radicais: só se chega de 4x4

anos, um grupo de pessoas incorporou-se à paisagem das areias do Peba: os moradores da comunidade de Pixaim, 30 famílias que vivem entre as dunas em um dos trechos mais inacessíveis da praia, a quatro quilômetros da foz do São Francisco.

Pixaim é um lugar ilhado pela natureza em seu estado mais bruto. O único sinal da presença humana são pitorescas casinhas de barro e palha de coqueiro onde vivem os moradores. Todos trabalham no cultivo do arroz, em áreas alagadas pelas chuvas, atrás das dunas. A vida é farta, mesmo com as áridas condições de vida. Água fresca e doce brota em abundância das areias quentes em poços com menos de dois metros de profundidade. Peixe não falta, seja do mar ou do São Francisco. Coco sobra. Há algumas cabeças de gado. O verão traz a safra dos cajueiros. "Aqui o provento vem todo da terra. Não precisamos de muito", conclui Aladim Calixto da Silva, que nasceu e se criou ali. Aladim é uma espécie de conselheiro para tudo e para todos no Pixaim. O respeito por ele é antigo, mas ele sente que as coisas aos poucos podem mudar no seu paraíso particular. "Já houve muito mais gente aqui. O pessoal de hoje anda querendo coisas novas", conclui, consciente. Os costumes, é fato, um dia serão bem diferentes, mesmo nesse remoto universo do Pixaim. O velho e sábio Aladim bem sabe disso. No fundo, ele torce para que ao menos as paisagens do sul de Alagoas sobrevivam aos atropelos do homem, seja no seu Pixaim, na Praia do Francês ou na curiosa vila de Lagoa Azeda.

O CIRCUITO DAS PRAIAS
Todas as praias do litoral sul de Alagoas



Let's Rock

POR MARCELO NOVA

O DIREITO DE VOAR

O Sex Pistols voltou, o Oasis se consagrou e Timothy Leary, guru do psicodelismo, deixou seu tributo ao rock

1996 FOI UM ANO CURIOSO para o rock and roll. Trouxe a volta dos Sex Pistols, banda ícone do punk rock enaltecida no passado por críticos que, agora enciumados com a fortuna paga aos seus rapazes, resolveram apedrejá la. Foi também o ano da consagração do Oasis, banda pop melosa cuja maior virtude parece ser a de tentar simular harmonias beatlemaníacas para um público adolescente que na sua maioria desconhece a obra dos outrora 'meninos de Liverpool".

Porém, um dos melhores discos desse ano foi sequer mencionado nas listas desses mesmos críticos: Right to Fly", CD com o qual Timothy Leary, que não era músico, despediu-se da vida aos 76 anos.

Em 1976, a banda Sex Pistols virou a mesa do rock em sonoridade, discurso e atitude contrapondo virulência, sarcasmo e anarquia em três acordes ao chamado rock sinfônico da época, que tinha no Genesis e no Pink Floyd duas das suas maiores expressões

A banda punk acabou em 78 por causa de inúmeras divergências internas, deixando um dos maiores

torpedos da história do rock, o álbum "Never Mind the Bollocks".

No ano passado – portanto quase vinte anos mais tarde – os rapazes do Sex Pistols se reuniram para uma turnê regada a milhões de dólares

A crítica brasileira taxou o Sex Pistols de oportunista. Pura inveja: o que há de errado em ser bem recompensado por tocar suas próprias músicas?

Que o jornalismo brasileiro, em sua grande maioria, seja mal remunerado parece fato. Mas penso que a pobreza maior é a de espírito

O caso da banda inglesa Oasis é diferente. Primeiro porque não fazem rock, mas um pastiche com referências diversas que vão de tecno-pop a uma suposta psicodelia, mas que a desinformação – aliada ao fato de que hoje na mídia até George Michael é rocker – faz o gato tranquilamente passar por lebre. E segundo, porque é puro modismo, tendo a ver mesmo com modelitos, caras, bocas e cores de cabelo. Ou seja, no próximo verão todos já estarão em outra. Será que alguém aí ainda se lembra do Stone Roses, o Oasis de alguns anos atrás?

Já o viajante professor e filósofo Timothy Leary preferiu fazer um trabalho que perdurasse mesmo após sua morte. Sabendo-se portador de câncer na próstata, Tim deixou o seu adeus em disco e escolheu o rock para emoldurar seus textos provocantes e cheios de referências aos signos que indiretamente ele ajudou a criar nos anos 60

Um dos principais divulgadores do LSD como forma de expansão da consciência e do auto-conhecimento, ele conviveu com Hendrix, Dylan, Lennon e junto com eles ajudou a formatar o perfil de uma geração

Provocador nato, Leary envolveu-se em inúmeras confusões com o governo norte-americano e o FBI, tendo sido preso e declarado *persona non grata*. Coerente com sua forma corajosa de enfrentar a vida assim ele também encarou a morte

Já doente terminal, entrou no estúdio com outro amigo, Simon Stokes, para gravar "Right to Fly", seu disco testamento

Em treze canções Leary reafirma todas as suas crenças, embaladas por um som pesado e instigante

Mas é a própria "Right to Fly" que melhor traduz o espírito indomável de um homem castigado por um câncer aos 76 anos de idade

"Última chamada,
todos a bordo se preparem para o vôo
Eu escolhi meu lugar, sou piloto da minha própria nave
Eu sei que saberei quando minha hora chegar
Então exigirei meu direito de voar
Então exigirei meu estilo de morrer"

Tim Leary não teve tempo para ver o seu próprio trabalho chegar às lojas. Dois meses antes do lançamento do disco, ele morreu em sua casa, na Califórnia

Pena que "Right to Fly" colocado no mercado por meio de um pequeno selo independente, seja muito difícil de se encontrar, mesmo nas melhores importadoras

Timothy Leary exigiu seu estilo de morrer: exija você o seu direito de ouví-lo

O programa Estúdio ao Vivo já se tornou parada obrigatória de grandes nomes da música pop

Pitty

Paulo Ricardo

Ivete Sangalo

Marisa Monte

Lenine

Zeca Baleiro

Ed Motta

Ana Carolina

Seu Jorge

Ivan Lins

Daniela Mercury

Carlinhos Brown

Elba Ramalho

Zélia Duncan

Ney Matogrosso

Gilberto Gil

Caetano Veloso

Chico Buarque

Milton Nascimento

Elis Regina

Tom Jobim

Vinicius de Moraes

Elis, Marissette e banda

UM SHOW NAS C

NDAS DO RÁDIO

Num certo dia, na década de 80, alguém na Transamérica teve uma idéia maluca: vamos comprar este terreno, ao lado do prédio da rádio, em S. Paulo, e construir um estúdio moderno, arrojado, com uma acústica absolutamente perfeita, uma mesa de 48 canais. Então vamos convidar todos os artistas para gravarem seus discos aqui, no lugar de gravá-los em Los Angeles ou Nova York.

E assim foi durante um bom tempo: as grandes gravadoras recorriam frequentemente ao estúdio Transamérica para produzir os discos de seus artistas.

Até que alguém descobriu a verdadeira vocação do Estúdio: transmitir shows ao vivo, com a mesma acústica perfeita usada para gravar discos. Nasceu assim o "Chá das Cinco", a primeira versão do Estúdio Ao Vivo Transamérica. Os artistas chegavam batiam papo, tocavam.

O programa amadureceu, cresceu, fez cada vez mais sucesso. Se a famosa mesa de 48 canais falasse, teria cada uma prá contar... O fato é que em todos esses anos, passaram por aqui os Titãs, Lobão, Barão, Kid Abelha, Biquíni Cavadão, Mamonas, Skank, Paralamas, Lulu Santos, Daniela Mercury, Djavan, Raimundos... Até a Legião Urbana

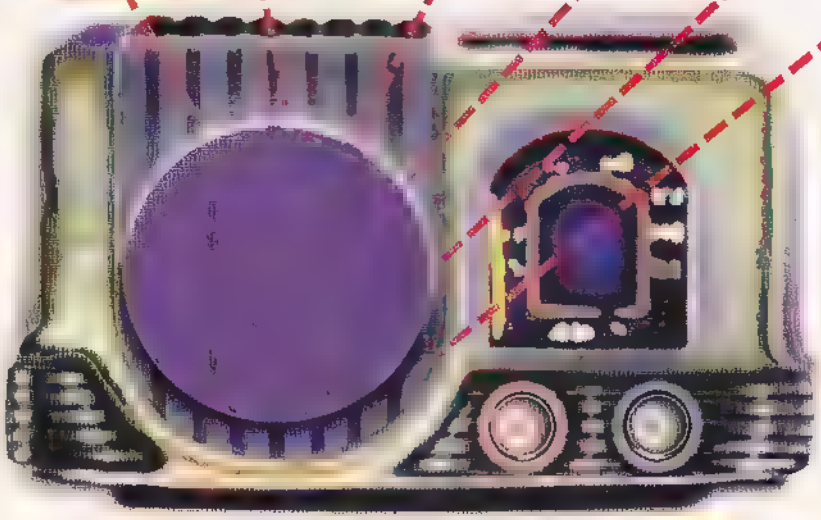
São duas salas de gravação com acústica perfeita. O som é digitalizado em 48 canais

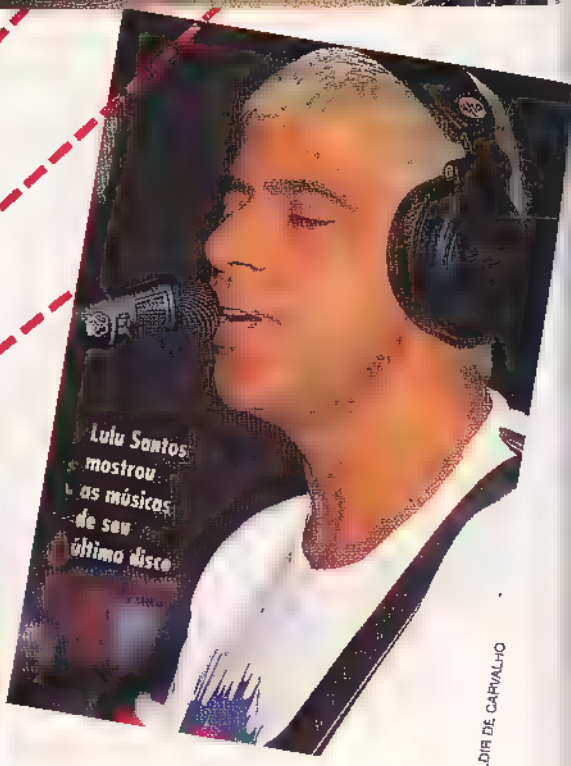
Herbert Vianna e os Paralamas são freqüeses

Carlinhos Brown também deixou sua marca dançante no estúdio

FOTOS MILA MA. JHY

A galera do J. Quest fez a festa no programa





Lulu Santos mostrou as músicas de seu último disco

VALDIR DE CARVALHO

Alanis Morissette se apresentou no estúdio em outubro passado. O show foi transmitido ao vivo pela MTV

deu à Transamérica o orgulho de ser a única rádio no país a ter, em seus arquivos, um show da banda, com mais de duas horas de duração, gravado na rádio.

Aos poucos a fama do Estúdio ultrapassou as fronteiras da música brasileira e os internacionais foram chegando: Lisa Stansfield, Seal, Live, Faith No More, Spin Doctors, Big Mountain, Men At Work... E o programa ultrapassou também as fronteiras do rádio: em 19 de outubro do ano passado, a MTV cruzou nossos portões e transmitiu, ao vivo, para todo o Brasil, o Estúdio Ao Vivo da cantora canadense Alanis Morissette. Foi um programa histórico, apresentado pelo Gastão e pelo Ruy Bala. Era a primeira vez que um programa de rádio era transmitido ao vivo por uma rede de televisão.

Nacional ou internacional, o Estúdio Ao Vivo passou a ser parada obrigatória, não só dos artistas que lançam seus discos, mas também do ouvinte, que já se acostumou à "acústica perfeita" dos nossos 48 canais digitalizados.

Convidados especiais no show de Daniela Mercury (ao centro): a partir da esquerda, os mídias José Reinaldo, da agência DDB, Odemir, da Centrum, Abel da Colucci, Maria Lúcia, da Salles, Toninho Rosa, da Dainet, Elenice da Calia e Assumpção e, embaixo, Cacá, da ADD

FIQUE LIGADO

***QUANDO OS** rapazes do Biquini Cavadão estiveram no "Estúdio ao Vivo" em 94, tocaram – meio na brincadeira – "Chove Chuva", de Jorge Benjor. Depois disso, os pedidos de ouvintes para que a Transamérica colocasse no ar a versão descontraída foram tantos que o Biquini resolveu gravar o sucesso de Benjor para incluí-lo no seu disco Agora da banda.*

***O SHOW** do Legião Urbana, em 92, foi o mais longo de todos os que aconteceram no "Estúdio ao Vivo": foram nada menos que duas horas de muito som com banda de Brasília.*

***A MÚSICA** de final de ano da Transamérica "DETONANDO A SUA EMOÇÃO" também foi gravado no moderno estúdio da rádio. Durante uma semana Titãs, Barão Vermelho e a banda O Rappa, juntos, tocaram a música, de autoria de Leonardo Teixeira, Paulo Futura e Carlos Laufer.*

O som que rola no seu computador

A INTERNET SE TORNA, a cada dia, a mais ligeira fonte de informação musical do planeta. Como foi o show de ontem do seu artista favorito? Como saber mais sobre a banda que você acabou de ouvir no rádio? Para resolver tudo isso à velocidade da linha telefônica é só procurar (ou navegar,como dizem os "internautas") na rede. Os endereços citados nesta seção permitem chegar ao *site*, o ponto de partida para conhecer cada página onde se desdobram as informações. Muitos desses sites também permitem acesso aos *chats*, áreas onde o usuário pode conversar sobre temas determinados ou não, com a participação de pessoas de todo o planeta. O mundo musical está em suas mãos. Divirta-se!

GILBERTO GIL

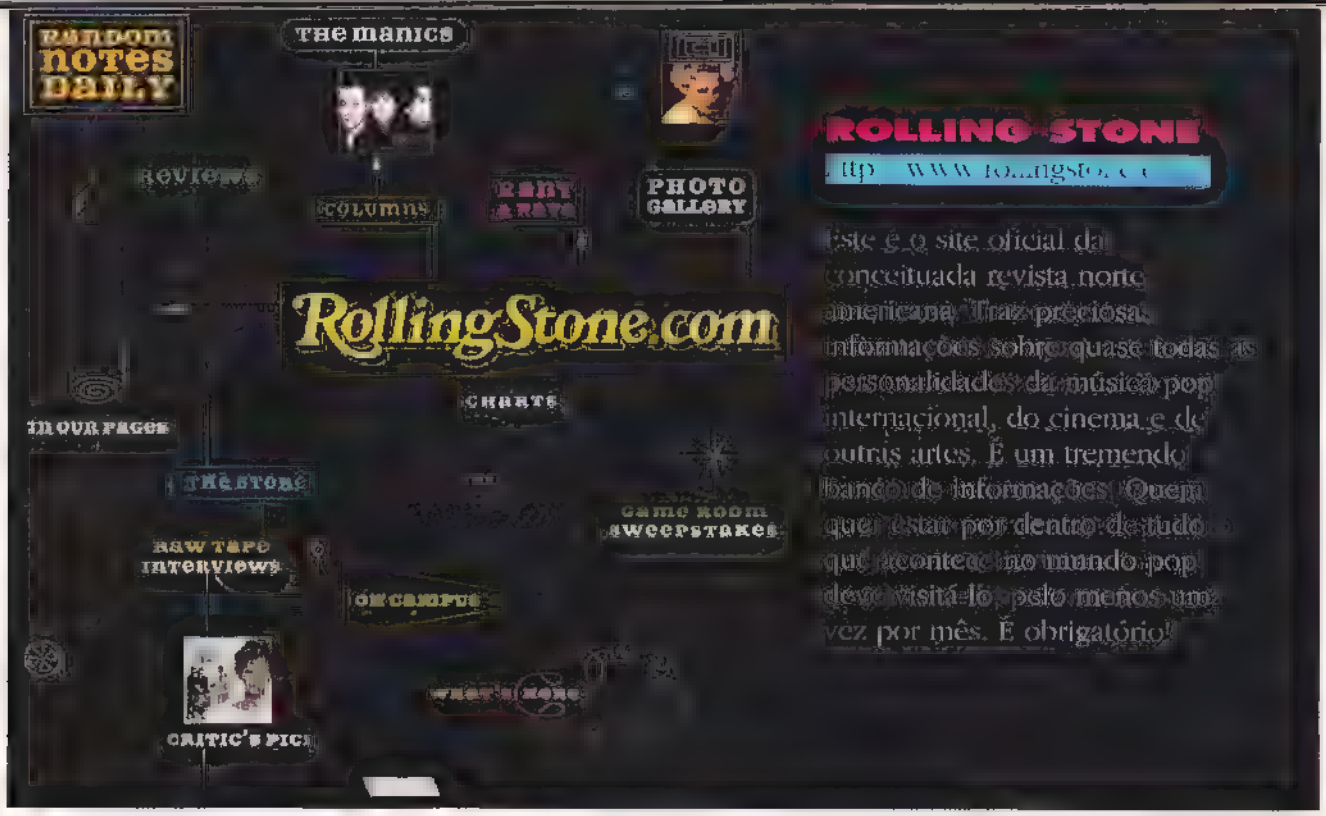
http://www.GilbertoGil.com.br/

O compositor baiano nao é exatamente fã da Internet, mas sua esposa Flora é Foi ela quem montou este endereço com toda a discografia do músico, mais fotos. Há curiosidades, como uma entrevista com Pierre Verger, uma das maiores autoridades em cultura iorubá, morto recentemente Na opção em português há uma árvore, supostamente um abacateiro estilizado, que permite a navegação através das páginas Há, no entanto, uma falha na programaçao, indicada como "incompatibilidade com o JavaScript", de forma que algumas ferramentas não funcionam com o Internet Explorer 3.0. Em dezembro último, esse site virou palco virtual para a apresentação, em primeira mão, de uma nova música de Gil Os internautas puderam, inclusive, conversar *on line* com o artista

JOHN LENNON

http://www bagism.com/

Esta página está em inglês e traz todos os dados possíveis para satisfazer qualquer beatlemaníaco. Concentrado na figura de Lennon, traz uma cronologia de sua vida e galeria de imagens. do roqueiro, além de discografia dos Beatles e da Plastic Ono, a banda de sua mulher Yoko. Dentre as novidades, pode-se conferir todos os selos que já foram impressos em sua homenagem, principalmente nos Estados Unidos, mais textos originais de manifestos e informações sobre participações em happenings. O site tem, em algumas áreas, caráter interativo, com áreas de chat para conversas e a possibilidade do internauta exibir seus trabalhos de arte e poesia, desde que eles sigam o ideal de fraternidade sem discriminações de aparência, idade, preferência sexual ou raça.



ROLLING STONE

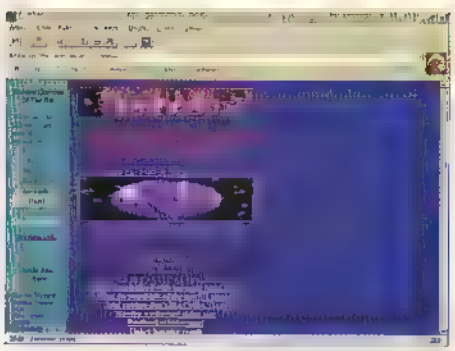
http://www.rollingstone.com

Este é o site oficial da conceituada revista norte americana. Traz preciosas informações sobre quase todas as personalidades da música pop internacional, do cinema e de outras artes. É um tremendo banco de informações. Quem quer estar por dentro de tudo que acontece no mundo pop deve visitá-lo pelo menos uma vez por mês. É obrigatório!

SKANK

http://www.metalink.com.br/cultura/Skank/

É a homepage do Skank, uma das bandas mais populares da atualidade, com páginas que contam toda a história do grupo mineiro e de cada um de seus integrantes. Inclui informações sobre os três CDs já lançados. Há também as datas dos shows, os meses em que eles estão em tournê pelo país, para que você possa assistir e conferir ao vivo o desempenho festivo da banda. Quem quiser, pode encontrar mais informações em outro endereço: a PÁGINA DO SKANK (http://www.bhnet.com.br/~skank/galeria.html), montada por admiradores e que incluem todas as letras, mais depoimentos de fãs além de fotos dos integrantes.



JAM! MUSIC

http://www.canoe.ca/JamMusic/

Mantido pela Canadian Online Explorer, este site trata de várias personalidades do mundo do entretenimento, de Madonna a Oasis. Seus bancos de dados trazem informações sobre estrelas do rock e do cinema, paradas musicais, uma enciclopédia da cultura pop e uma lista de bandas independentes do Canadá. Dependendo da sorte, pode-se encontrar artigos raros, úteis talvez apenas para maníacos, como a história de Randy California, guitarrista de uma banda dos anos 60 chamada Spirit, que sumiu e foi dado como morto depois de um acidente numa praia do Havaí.

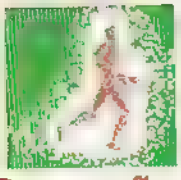
MIDNIGHT OIL

http://www.midnightoil.com/

Site oficial com histórico e discografia desta grande banda australiana. Mostra a biografia e toda a discografia. É possível ainda capturar fotos e imprimí-las.

detone a internet

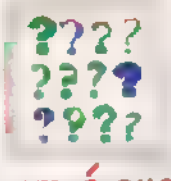
com a



Promoções

Estúdio ao vivo

Lançamentos



Quem é quem

O que toca

REDE

TRANSAMÉRICA

transa.com.br

Venha detonar na internet. Aqui você fica sabendo onde, como e porquê. É a Transamérica ligada no mundo. Detone a internet

hosted by
JAVALI

Provedor oficial da Transamérica
info@javali.com.br tel. (011) 835 8263

ESCRACHO TOTAL

Há oito anos no ar, a turma do "Café com Bobagem" continua sacaneando o Brasil inteiro com suas piadas

Eles satirizam tudo o que ouvem ou vêem pela frente. Suas vozes poderosas passam em segundos de Sílvio Santos a Clodovil, de Gil Gomes a Lula. Mas se as imitações são boas, as paródias são melhores ainda. Lembra da música "Descobridor dos Sete Mares", do Tim Maia, regravada pelo Lulu Santos? Pois é, virou "Engolidor de Sete Espadas". Imagine o refrão. É riso na certa. Não estamos falando de nenhum grupo novo de humor, desses que aparecem com o maior gás, mas perdem o fôlego da criatividade rapidamente. Pelo contrário, eles estão no ar há quase oito anos e carregam o título de único programa humorístico de FM do mundo a ultrapassar a marca de mil apresentações. Firme e forte, a turma do "Café com Bobagem" infernIza todo mundo e tira sarros homéricos, transformando o "Rei do Gado" em "Rei do Galho" e "Táxi do Gugu" em "Táxi do Urubu". O quarteto formado por Oscar Pardini, Zé Américo, Ivan de Oliveira e Renê Vanorden virou sinônimo de humor no rádio. E o pessoal da TV, que não é bobo, tratou de fisgar os comediantes para dar uma forcinha em programas como "A Praça é Nossa", "Escolinha do Golias", "Sai de Baixo" e nas pegadinhas do Faustão.

"Jovem, ao completar 18 anos, procure a zona de alisamento mais próxima do seu barraco, portando camisinha 3x4 e uma lata de vaselina. Zona de alisamento: a segurança da rolinha em suas mãos."

Mas a versatilidade do "Café com Bobagem" não pára por aí. O programa, que começou em 89, virou show e lotou o Teatro Bandeirantes durante um ano, entre 90 e 91. "A fila para a bilheteria dobrava o quarteirão", lembra Pardini. No ano passado, as melhores piadas do quarteto também ganharam versão em CD, em comemoração ao milésimo programa. Para se ter uma idéia do sucesso, o CD vendeu 40 mil cópias e está há três meses nas lojas.

Outro indicador da popularidade do "Café" é a agenda lotada de shows pelo Brasil em convenções e festas de empresas. No ano passado, eles fizeram o lançamento da perua Pálio, para donos de concessionárias Fiat brasileiras, num navio, em Miami, Cancún e Key West.

Não se sabe de onde vem tanta inspiração, mas a verdade é que eles parecem produzir humor em série. Além das imitações, já criaram mais de cem personagens. Quem não conhece a velha surda "Esclerolga", o português "Joanel" ou o cabeleireiro

"Roger"? Até aula de inglês eles dão pelo rádio. Quando o Paraíba pergunta ao professor Siliano o que significa *cat*, ele não hesita em responder: "meu caro aluno, *cat* funciona como uma partícula interrogativa. Veja o exemplo: quem *cat* bater?".

OS TRÊS PATETAS SÃO QUATRO

Quem vê o atual sucesso do quarteto nem sonha como surgiram as estrelas do "Café", que começou por acaso em 89, na Bandeirantes FM, depois que Ivan de Oliveira e Zé Américo aumentaram a audiência do horário, enquanto cobriam as férias do programa "A Hora do Ronco".

Ivan, de 39 anos, o mais experiente da turma, trouxe muitos anos de janela do "Show de Rádio", veiculado pela Jovem Pan e depois pela Bandeirantes. "Eu trabalhava como metalúrgico numa fábrica de lâmpadas e adorava ouvir o programa. Aí comecei a escrever algumas coisas e levar até a rádio, mas ninguém me atendia, é claro". Depois de dar com a cara na porta várias vezes, Ivan conseguiu que lessem seus textos e, finalmente, começou a trabalhar no Show de Rádio, em 1971, fazendo imitações do Coalhada e do jogador de futebol Luiz Pereira. Hoje Ivan faz textos para a "Praça É Nossa", "Escolinha do Golias", "Sai de Baixo" além de colaborar com Tom Cavalcanti.

A história do Zé Américo, de 29 anos, também tem suas curiosidades. Ele começou a carreira de locutor aos 17 anos, na rádio Anchieta de Itanhaém. "O que ganhava só dava para pagar o ônibus, um sanduíche e um refrigerante", lembra. As primeiras locuções em São Paulo foram pela Imprensa FM. "O locutor da noite, Ataíde Martins, sempre ganhava jantar de graça, mas não podia sair por causa do horário. Aí eu comecei a imitar a voz dele para que ele pudesse jantar fora", revela Zé Américo. "Quando arranjei meu primeiro emprego remunerado não acreditei. Foi na Jovem Pan. Fiz umas imitações num dia e fui embora, não achei que era para ficar. No dia seguinte me ligaram perguntando se eu não ia trabalhar", lembra.

"Você sabia que quando o co-seno está no banheiro e o seno bate na porta, o co-seno responde: tangente? Acredite se quiser."

De office-boy, metalúrgico e arquivista, Oscar Pardini, de 38 anos, passou a um dos humoristas mais versáteis do rádio e ainda ajuda a dirigir o Domingão do Faustão. "Eu trabalhava e estudava à noite. Fiz dois anos e meio de engenharia química, mas queria mesmo trabalhar em rádio. Junto com a faculdade, fazia inglês e o curso de radialismo em Santos. Depois resolvi prestar jornalismo na Cásper Líbero", conta Pardini, que começou no rádio em 84.

O último a entrar no "Café" foi Renê Vanorden, de 26 anos, que ingressou na trupe em 91, por intermédio do amigo Zé Américo, depois de aturar muita festinha de casamento e batizado pela produtora de vídeo onde trabalhava.

Salles EDITORA

Editores
Marcos Salles
Marcos Galante

revista TRANSAMÉRICA

Editor
Afonso Capelas Jr

Redação
Roberto Paduan Alvares

Diretor de arte
Edvaldo Acir Lino da Silva

Produção gráfica
Rosângela Pousa

Secretária de redação
Karina Emiliana Martins

Colaboradores
Gabriela Dias, Marcelo Nova (textos), Bruno Alves, Carlos Zaith Mala Mahy, Valdir de Carvalho (fotos), Carlos André Inácio Olavo Tenório (ilustrações)

Publicidade
Fernando Coelho Xuxu (diretor), Vilma L. Faragó (contato)

Sucursal Rio de Janeiro
Rua Miguel Couto, 105, cj 812

Jornalista Responsável
Afonso Capelas Jr MTb 20 263

Conselho Editorial
Miriam Chaves
Andrea Lea
Claudia Santoro

Publicidade
Caio Barsotti

Fotolito
Repro

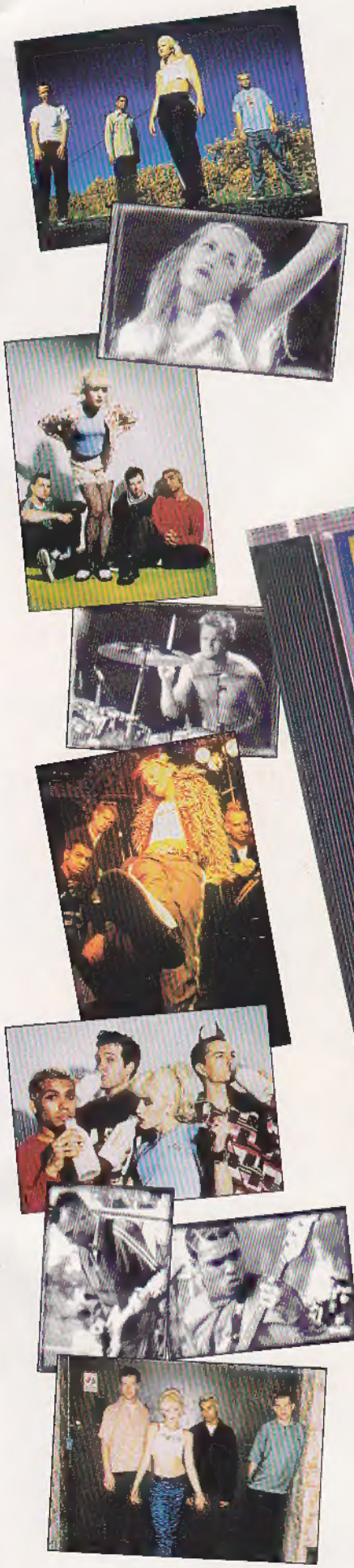
Impressão
W Roth

Distribuição nacional
Fernando Chinaglia S/A
rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro, RJ

A Revista Transamérica é uma publicação da Salles Editora, sob licença da Transamérica Produções Ltda. Redação, publicidade e administração: av Bernardino de Campos, 110, c 22, Cep 04004 050 Sao Paulo, SP
Tel/fax (011) 887-6682
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores e não expr mem necessariamente a opinião da revista

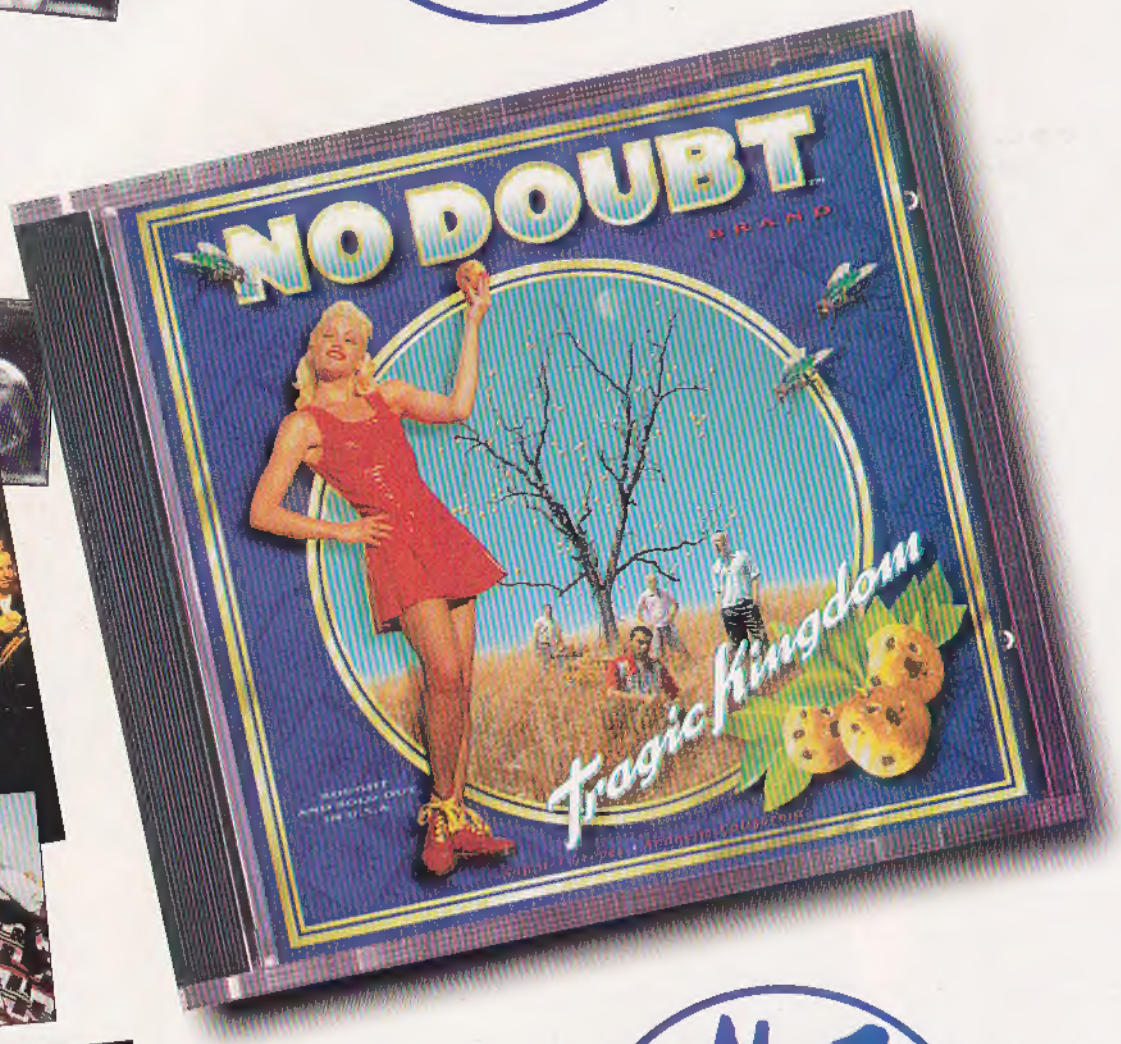
Fevereiro de 97

Nosso endereço na Internet: transa.com.br



Nº 1 NA AMÉRICA

DESTACANDO:
DON'T SPEAK
JUST A GIRL
SPIDERWEBS



Nº 1 NA TRANSAMÉRICA

À VENDA EM CD

MCA

INTERSCOPE GEFFEN A&M

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO

BMG

BMG BRASIL LTDA

Nós não
inventamos
o home banking.
Só reinventamos.

O Banco Real não queria apenas lançar um banco por computador. Queria lançar o banco por computador. Ou seja, o melhor. E o que é melhor em um computador? Que ele seja fácil de usar. Por isso o Real Home Banking é tão avançado que só podia ser simples. E tão simples que qualquer pessoa pode usá-lo. Ao contrário dos outros programas de home banking, dificilmente você vai ficar perdido. Em caso de dúvida, é só consultar a janela "Help", que explica detalhadamente cada operação, ou ligar para a central de atendimento 24 horas por dia.

Real Home Banking

www.real.com.br

Com o Real Home Banking você faz pagamentos, consultas, aplicações ou usa qualquer serviço do Banco Real, 24 horas por dia, 7 dias por semana, sem sair de casa. Ou quando viaja, de qualquer lugar do Brasil e de mais de 600 cidades do mundo, através do SIPE, Sistema de Identificação Pessoal Exclusivo, que permite acesso rápido — e a preço de uma ligação local — a todas as suas contas e negócios com o Banco Real, mesmo que estejam em agências diferentes.

E, a cada vez que o Banco Real lançar um novo produto, o Real Home Banking já está preparado para oferecê-lo automaticamente, sem que você precise requisitar nada. Se você já é cliente do Banco Real, solicite seu programa pelo Disque Real. E, se você ainda não for, é só procurar a agência mais próxima e abrir sua conta.

Banco Real

Central de Atendimento Real Home Banking - 0800-127325 • Produto disponível nas seguintes localidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Baixada Fluminense, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza.

• Sem comprovação de renda • Realmaster • Cartão Real Visa

Abra já sua conta.

Banco Real